

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Tayane Pereira Silveira

***O fazer-se da escritora no século XIX: o caso de Elizabeth Gaskell e William Rathbone  
Greg***

PORTO ALEGRE

2021

Tayane Pereira Silveira

**O *fazer-se* da escritora no século XIX: o caso de Elizabeth Gaskell e William Rathbone  
Greg**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira

PORTO ALEGRE

2021

Tayane Pereira Silveira

**O *fazer-se* da escritora no século XIX: o caso de Elizabeth Gaskell e William Rathbone  
Greg**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em História.

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cássia Daiane Macedo da Silveira (orientadora) – UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cláudia Mauch – UFRGS

---

Prof. Dr. Jocelito Zalla – UFRGS

PORTO ALEGRE

2021

## AGRADECIMENTOS

Talvez esta seja a parte mais difícil de todo este trabalho: *agradecer*. Como fazer justiça a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, tornaram possível a minha jornada no ensino superior? Estas linhas são somente uma tentativa de fazê-lo, e de forma alguma, limitam ou hierarquizam meu sentimento de gratidão.

Primeiro, à família: à mãe, Marizete, ao pai, José Renato, e ao irmão, Jeferson, obrigada pelo apoio desde os primeiros anos de escola, por compreender minhas ausências e, principalmente, pelo carinho incondicional. Agradeço aos meus ancestrais que, com sangue, lágrimas e muito trabalho, pavimentaram o caminho que me levou até aqui.

Em segundo lugar, às escolas públicas e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mesmo com todas as dificuldades e atravessamentos, foram elas e as políticas públicas nelas desenvolvidas que me mostraram que outras realidades eram *possíveis*; faltam palavras em meu vocabulário para expressar o impacto destas instituições em minha vida.

Em terceiro lugar, à minha orientadora, professora Cássia. Obrigada pela disponibilidade em me guiar nesta trajetória e por toda a dedicação, além de todas as oportunidades de conhecimento.

Em quarto, aos amigos que estão há anos ao meu lado e acompanharam cada momento até aqui: Sarah, Lucas e Bruno Chepp, obrigada pelas forças e pelo apoio – seria impossível sem vocês. Aos amigos do NAP: Eduarda, Maurício, Bruno Constante e Robson, agradeço (e muito) a parceria, as discussões acadêmicas e as ajudas mútuas. À Flavia e ao Kami, obrigada pelo carinho, pelo ombro amigo e pelo estímulo para escrever; e ao Daniel, obrigada pelo combustível para escrever este trabalho e por todo o resto. *You know it's you.*

*No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra.*

(PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 21.)

## RESUMO

O presente trabalho possui o objetivo primordial de pensar os espaços possíveis para autores na primeira metade do século XIX a partir da análise de uma crítica de William Rathbone Greg a *Mary Barton*, romance de estreia de Elizabeth Gaskell, feita em 1849 - bem como a resposta desta, feita através de uma carta à esposa de Greg. Se argumenta que ambos os autores, embora de origens semelhantes, construíram percepções de mundo diferentes a partir de suas trajetórias; tais visões entram em conflito quando Gaskell - mulher e romancista - consegue ampliar linguagem e percepções com *Mary Barton*, desviando do esperado de alguém de sua posição social. Se atenta, também, para a capacidade de Gaskell transitar entre o público e o privado a partir de meios específicos, como a correspondência.

**Palavras-chave:** História e literatura; história das mulheres; Era Vitoriana; Inglaterra; Elizabeth Gaskell.

## **ABSTRACT**

The present work has the primary objective of thinking about the possible spaces for authors in the first half of the 19th century, based on the analysis of a 1849 critique by William Rathbone Greg to *Mary Barton*, Elizabeth Gaskell's debut novel - as well as Gaskell's answer, done through a letter to Greg's wife. It is argued that both authors, although from similar origins, built different perceptions of the world based on their trajectories; such views come into conflict when Gaskell – woman and novelist – manages to expand language and perceptions with *Mary Barton*, deviating from what was expected of someone of her social position. Attention is also paid to Gaskell's ability to move between public and private through specific means, such as correspondence.

**Keywords:** History and literature; Women's history; Victorian Era; England; Elizabeth Gaskell.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. CONHECENDO O CONTEXTO .....</b>	<b>12</b>
2.1 Origens e religião: o Unitarismo e a trajetória .....	14
2.2 O fazer-se da escritora: espaços possíveis .....	16
<b>3. “CLEARLY A LABOUR OF LOVE”: A CRÍTICA DE WILLIAM RATHBONE GREG .....</b>	<b>27</b>
<b>4. “THE UNIVERSALITY OF SOME KIND OF SUFFERING”: A RESPOSTA DE ELIZABETH GASKELL .....</b>	<b>49</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>6. FONTES PRIMÁRIAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>62</b>



## 1. Introdução

Em 2016, como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História, escrevi *Representações da Revolução Industrial e da classe trabalhadora em North and South, de Elizabeth Gaskell*. Nele, foi realizada uma análise das representações da Revolução Industrial inglesa (e seus efeitos) presentes no romance mencionado no título, com destaque para as percepções a respeito dos espaços urbano e rural na metade do século XIX, da classe trabalhadora e da burguesia, em conjunto com uma rápida discussão a respeito da vida da autora, Elizabeth Gaskell, suas experiências de vida e a possível influência desta no romance.

Aquele estudo mostrou-se como uma interessante experiência de pesquisa, viabilizando, ao mesmo tempo, o surgimento de novas questões a respeito da temática das relações entre história e literatura; mais precisamente, aquelas referentes ao *escrever* na Inglaterra de meados do século XIX. Pensando nestas questões, chegou-se ao presente trabalho, que possui o objetivo primordial de pensar o *ser autor* no período (considerando aspectos gerais e contexto, possibilidades e particularidades) a partir da análise de uma crítica de William Rathbone Greg a *Mary Barton*, romance de estreia de Elizabeth Gaskell, feita em 1849 - bem como a resposta desta, feita através de uma carta à esposa de Greg.

Gaskell e Greg possuíam origens semelhantes: nasceram em famílias de classe média, seguidoras do Unitarismo, e tiveram acesso a uma educação “de qualidade”<sup>1</sup>. Nascida em 1810, Gaskell viveu na rural Knutsford até 1832, quando se mudou para Manchester após o casamento com o ministro unitário William Gaskell. Responsável pela assistência da Capela de Cross Street, o ministro foi responsável pela elaboração de diversas campanhas de caridade, o que aproximou a escritora dos contrastes sociais de Manchester – próspera e extremamente desigual, ao mesmo tempo.

Suas experiências colaboraram para a criação de *Mary Barton*, seu primeiro romance, publicado em 1848. Em *Mary Barton*, Gaskell retrata o cotidiano dos operários de Manchester durante a década de 1840 através da protagonista Mary e de seu pai, John Barton. Cartista engajado, John é descrito como um homem dotado de ampla compaixão para com seus companheiros; quando uma crise econômica se abate sobre a cidade e afeta duramente os trabalhadores, alastrando a fome e a carestia, a revolta de Barton se acentua progressivamente, levando-o à loucura.

---

<sup>1</sup> É importante considerar que ter uma educação “de qualidade” possuía significados diferentes para ambos. O assunto será melhor abordado no próximo capítulo.

O tom simpático aos problemas da classe trabalhadora é uma característica marcante de *Mary Barton*; simpático *em excesso*, na percepção de algumas críticas da época. William Rathbone Greg partilhava desta percepção: em sua resenha, Greg salienta o quase “nocivo” teor do romance, que transmitiria ideias falsas e prejudiciais, além de estimular o preconceito para com os patrões. Nascido em 1809, Greg foi um prolífico ensaísta oriundo de uma família de industriais; seus assuntos favoritos eram teologia, política e economia, sendo árduo defensor das premissas do liberalismo. Da mesma maneira que outros ensaístas e escritores de sua época, Greg publicou textos em diversos periódicos e revistas - como a já mencionada *Edinburgh Review*, por exemplo. A publicação foi criada em 1802, sendo considerada como uma das mais importantes de sua época devido ao seu caráter inovador (mais especificamente, em relação aos variados assuntos abordados em suas páginas), além de ser caracterizada como um dos primeiros passos em direção à profissionalização do jornalismo no Reino Unido.

A partir destes pontos, se desenvolveu o problema de pesquisa fundamental deste trabalho: quais os espaços possíveis para autoras e autores na Inglaterra do século XIX? Para tentar respondê-lo, será realizada a análise de duas fontes primárias: a resenha de Greg, publicada na primeira edição da *Edinburgh Review* do ano de 1849, e a resposta de Gaskell a ela, enviada à esposa de Greg, Lucy, entre abril e maio do mesmo ano.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, será abordada a trajetória dos autores, elemento essencial para a compreensão das formas com que ambos assumiram as posições por eles ocupadas no campo de produção literária inglês; para tanto, será realizada uma análise do contexto sócio-econômico de meados do século XIX de Gaskell e Greg, bem como as relações com os pares por eles estabelecidos, com base nos conceitos de *habitus*, *campo literário* e *capital simbólico*, de Pierre Bourdieu; bem como o de *comunidades cognoscíveis*, segundo a visão de Raymond Williams.

Durante o século XIX, as mudanças econômicas e sociais impactaram de maneira profunda a linguagem (e sua estruturação) presente no romance. Considerando o conceito de Williams, pode-se afirmar que, no fim da década de 1840, surgiu uma nova estrutura de sentimentos, cuja formação encontrou em Gaskell um de seus principais nomes. Com *Mary Barton*, a autora foi responsável por desenvolvê-la de maneira elaborada, atribuindo-lhe uma linguagem mais ampla; em outras palavras, Gaskell foi capaz de tornar *cognoscíveis* a sociedade industrial e seus efeitos sobre os trabalhadores. Calcado em sua posição social e gênero, Greg se opõe a esta nova estrutura de sentimentos introduzida pela escritora; este conflito entre ambos se faz presente na crítica escrita por Greg, desdobrando-se na carta-resposta de Gaskell.

A análise de Greg será estudada com maior profundidade no segundo capítulo. A partir da ideia de *comunidade cognoscível*, analisaremos *o que* e *como* Greg e Gaskell, enquanto escritores, eram capazes de conhecer sobre a realidade em que estavam inseridos - considerando sua posição social, suas trajetórias e experiências. Com maior ênfase no ponto de vista de Greg, o capítulo aborda questões relacionadas ao liberalismo enquanto ideologia dominante no pensamento da elite vitoriana, bem como suas percepções a respeito da classe trabalhadora, do exercício da caridade e da moralidade.

No terceiro capítulo, o objeto de análise será a resposta de Gaskell à crítica de Greg. Com base neste documento - uma carta direcionada à esposa do crítico, Lucy -, se estabelecerá uma discussão a respeito das estratégias empregadas por Gaskell para transitar e se posicionar em um meio social que não se mostrava favorável à sua presença. Desta forma, serão utilizados os pontos delineados por Michelle Perrot no livro *As mulheres ou os silêncios da história* a respeito do uso de correspondências como fonte para a história das mulheres.

## 2. Conhecendo o contexto

No presente capítulo, será iniciada a discussão a respeito da trajetória de Elizabeth Gaskell e William Rathbone Greg, visando a uma compreensão mais ampla do contexto das fontes a serem analisadas neste trabalho. Entender as formas através das quais ambos os autores se inseriram nos meios social e literário de sua época é de extrema importância para a análise da resenha e da resposta à ela; ao estruturar este conhecimento, será possível, conseqüentemente, compreender as tomadas de posição dos autores em seus textos. As contribuições teóricas de Pierre Bourdieu são de essencial importância para o desenvolvimento do capítulo - em especial aquelas contidas nos livros *As Regras da Arte* e *A Ilusão Biográfica*. Na primeira obra, o autor salienta que,

A ciência das obras culturais supõe três operações tão necessárias e necessariamente ligadas quanto os três planos da realidade social que apreendem: primeiramente, a análise da posição do campo literário (etc.) no seio do campo do poder, e de sua evolução no decorrer do tempo; em segundo lugar, a análise da estrutura interna do campo literário (etc.), universo que obedece às suas próprias leis de funcionamento e de transformação, isto é, a estrutura das relações objetivas entre as posições que aí ocupam indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade; enfim, a análise da gênese dos habitus dos ocupantes dessas posições, ou seja, os sistemas de disposições que, sendo o produto de uma trajetória social e de uma posição no interior do campo literário (etc.), encontram nessa posição uma oportunidade mais ou menos favorável de atualizar-se (a construção do campo e a condição lógica prévia para a construção da trajetória social como série das posições ocupadas sucessivamente nesse campo (BOURDIEU, 1996, p. 243).

Dessa forma, é essencial prestar atenção não apenas à obra literária em si; ao contrário, se faz fundamental entender o contexto em que ela foi produzida. Bourdieu aponta três caminhos necessários para construir a compreensão do contexto: primeiro, analisar a posição em que o meio literário se encontra dentro do campo do poder, considerando suas mudanças ao longo da história; em segundo lugar, analisar a estruturação, as regras e as relações que compõem o meio literário em si; e, em terceiro lugar, analisar o habitus (ou, em outras palavras, o acúmulo de experiências e impressões acumuladas durante uma trajetória) dos integrantes deste meio literário.

A importância do estudo do autor da obra literária é reafirmada por Bourdieu na página seguinte de *As Regras da Arte*:

Assim, a hierarquia real dos fatores explicativos impõe **inverter a progressão adotada** ordinariamente pelos analistas: é preciso perguntar **não como tal escritor chegou a ser o que foi** - com o risco de cair na ilusão retrospectiva de uma coerência reconstruída -, **mas como, sendo dadas a sua origem social e as propriedades socialmente constituídas que ele lhe devia, pôde ocupar ou, em certos casos, produzir as posições já feitas ou por fazer** oferecidas por um estado

determinado do campo literário (etc.) e dar, assim, uma expressão mais ou menos completa e coerente das tomadas de posição que estavam inscritas em estado potencial nessas posições [...] (BOURDIEU, 1996, p. 244, grifos meus).

A proposta feita por Bourdieu no trecho citado colabora, em nossa percepção, para uma compreensão mais efetiva do objeto a ser estudado no presente trabalho. Ao considerar as origens dos autores, bem como o habitus desenvolvido com base nas características intrínsecas de tais origens, é possível compreender as posições ocupadas por eles e os pontos de vista expressos em suas obras; em outras palavras, retirando o foco da trajetória individual do escritor e direcionando-o para o contexto social em que suas atividades começaram a se desenvolver, se faz possível entender as diversas dinâmicas que envolvem a construção de uma obra literária. Isto também tem a vantagem de evitar a ideia de que a trajetória de um escritor é uma mera sucessão de eventos, culminando em um “clímax” ou “ponto final” (que poderia ser a fama ou o sucesso final).

Dessa maneira, como salienta Bourdieu em *A Ilusão Biográfica*,

[...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o **envelhecimento social** que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos **previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis** (BOURDIEU, 2002 p. 189-190, grifos meus).

No trecho, o autor define a trajetória não como um encadeamento progressivo de acontecimentos, mas sim como um *envelhecimento social* - ou seja, como o acúmulo de experiências em determinada área, campo ou carreira, por exemplo. Para Bourdieu, é impossível entender verdadeiramente a trajetória de um escritor antes de se pensar o *contexto social* em que tal trajetória ocorreu, bem como as *relações* estabelecidas entre o escritor a ser estudado e outros sujeitos que, assim como ele, faziam parte do mesmo campo social.

Considerando estas questões, o presente capítulo apresentará as origens sociais e o habitus de Gaskell e Greg, visando contextualizar a discussão futura a respeito dos textos por ele produzidos e abordar possíveis espaços a serem ocupados por homens e mulheres no meio literário da Inglaterra do século XIX. O caminho utilizado pretende seguir as linhas delineadas nos parágrafos anteriores, dissecando o contexto em que os autores estavam inseridos e suas relações com seus pares para compreender como se deu o processo de ocupação das posições assumidas pelos autores mencionados. Para fins de organização, a análise será fundamentada

em dois eixos principais: as origens de ambos os autores, com ênfase na questão religiosa, e o ingresso na vida literária, destacando os meios de publicação utilizados.

### **2.1 Origens e religião: o Unitarismo e a trajetória**

Embora tenham assumido posições contrastantes no aspecto intelectual, tanto Gaskell quanto Greg compartilharam alguns elementos relevantes em sua trajetória. Ambos eram oriundos de famílias marcadamente influenciadas pela crença religiosa e com posição social confortável; ambos os fatores lhe permitiriam ter acesso a uma educação “de qualidade”. As famílias possuíam laços de amizade bastante antigos, ao menos conhecidos desde o período da infância de ambos os autores (CHAPPLE & SHELSTON, 2003, p. 42).

As informações a respeito da vida de Elizabeth Gaskell são mais conhecidas, o que torna possível uma análise mais detalhada. Nascida em 1810, a então senhorita Stevenson perdeu a mãe quando tinha pouco mais de um ano de idade. A partir de então, foi criada por uma tia na pequena e rural Knutsford, sob os preceitos do Unitarianismo; seu pai, William Stevenson, era também ministro unitário, embora logo tenha abandonado a carreira devido a conflitos particulares com dogmas religiosos (D’ALBERTIS, 2007, p. 18).

O Unitarianismo, ou Unitarismo, é uma corrente teológica que rejeita a Santíssima Trindade e a ideia da divindade de Cristo. Tendo se popularizado na Inglaterra durante o século XVII, o Unitarismo foi oficialmente considerado uma blasfêmia passível de penalidade até o ano de 1813, quando a Trinity Bill<sup>2</sup> foi implementada. Enquanto grupo perseguido, os unitários conseguiram desenvolver uma sólida comunidade, estabelecendo laços de solidariedade entre si; após 1813, o grupo foi capaz de exercer sua fé livremente e até mesmo de se expandir, obtendo maior influência social (SPENCER, 1993, p. 7).

Além da rejeição à Trindade, os unitários defendiam que a busca pela verdade deveria ser efetivada não com a obediência cega às autoridades religiosas, mas sim através do pensamento racional e da prática da tolerância e da caridade cristã. Dessa maneira, o envolvimento de unitários com a educação e com questões sociais era uma constante; é o que ocorre na vida da jovem Elizabeth Stevenson e iria se intensificar após seu casamento. Um exemplo disto é o fato de que, durante sua adolescência (entre os anos de 1822 e 1827), a jovem foi enviada para estudar na Miss Byerleys’s School - uma escola feminina cuja educação era,

---

<sup>2</sup> A Trinity Bill, ou Doctrine of the Trinity Act 1813, foi uma lei que invalidou parte do The Blasphemy Act de 1697; esta lei, por sua vez, considerava como ofensa legal a negação à Santíssima Trindade, à verdade cristã e à autoridade divina da Bíblia, bem como a crença em mais de um Deus. Adaptado de <<https://www.british-history.ac.uk/statutes-realm/vol7/p409>>. Acesso em 04 set. 2021.

segundo a pesquisadora Jane Spencer, mais liberal do que a que se costumava ministrar às meninas da época (SPENCER, 1993, p. 8).

No caso de William Rathbone Greg, as informações são mais escassas. De acordo com o pesquisador Alex Middleton, embora Greg tenha sido um intelectual de produção considerável em sua época, sua vida e obras não costumam ser objetos de estudo na área de historiografia da Era Vitoriana (MIDDLETON, 2021, p. 1); após seu falecimento, no ano de 1881, não se teve notícia da publicação de nenhuma biografia ou coleção de suas obras (MIDDLETON, 2021, p. 6) .

O pouco que se sabe sobre sua vida antes de se tornar ensaísta refere-se ao fato de que Greg nasceu em Manchester, no ano de 1809, em uma família de proeminentes industrialistas. Seus pais possuem maior fama: enquanto o pai, Samuel Greg<sup>3</sup>, foi o responsável pela criação da revolucionária fábrica Quarry Bank Mill e da vila Styal Estate<sup>4</sup> em 1784, sua mãe, Hannah Greg, supervisionava as condições de moradia e vida dos trabalhadores - incluindo a educação de seus filhos. Criada em uma família unitária, se credita a Hannah a aproximação de Samuel ao Unitarismo - bem como sua preocupação com o bem estar daqueles que trabalhavam em suas fábricas.

Assim, os cinco filhos dos Greg - quatro homens e uma mulher - tiveram uma criação baseada nos preceitos do Unitarismo. Como seus irmãos mais velhos, Robert Hyde e Samuel, William frequentou a Universidade de Edimburgo durante a juventude e, após sua formatura, começou a trabalhar nos negócios do seu pai: em 1828, havia ficado responsável por gerenciar uma fábrica da família, localizada em Bury. Todavia, o jovem Greg possuía maior interesse na escrita de ensaios sobre as mais diferentes temáticas, como religião e economia; em seus primeiros anos na universidade, era fascinado pelo estudo de frenologia e de magnetismo animal, chegando a se aproximar de Charles Darwin (MIDDLETON, 2021, p. 4).

Como salienta Bourdieu:

**Muitas das práticas e das representações dos artistas e dos escritores [...] não se deixam explicar senão por referência ao campo do poder, no interior do qual o próprio campo literário (etc.) ocupa uma posição dominada.** O campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes ou instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes

<sup>3</sup> Samuel Greg (1758-1834) foi um industrial irlandês. Criado pelo tio, Robert Hyde, Samuel havia acumulado cerca de £24,000 (cerca de £2.100,000 em valores atuais) entre heranças e parcerias de negócios antes dos 25 anos – o que lhe possibilitou criar a fábrica Quarry Bank Mill. Disponível em <https://www.nationaltrust.org.uk/quarry-bank/features/samuel-greg-of-quarry-bank>. Acesso em 10 dez. 2021.

<sup>4</sup> A fábrica têxtil ficou conhecida por abrigar diversas inovações na tecnologia e nas relações com os trabalhadores. Ao redor da casa, existia a Styal Estate, um conjunto de casas e chalés construídos para que os funcionários da fábrica as alugassem; o local contava com uma capela, uma loja e uma escola para as crianças, sendo tudo de posse direta da família Greg. Disponível em: <<https://www.erih.net/i-want-to-go-there/site/quarry-bank-mill>>. Acesso em 13 set. 2021.

campos (econômico ou cultural, especialmente). Ele é o lugar de lutas entre detentores de poderes (ou de espécies de capital) diferentes que [...] tem por aposta a transformação ou a conservação do valor relativo das diferentes espécies de capital que determina, ele próprio, a cada momento, as forças suscetíveis de ser lançadas nessas lutas (BOURDIEU, 1996. p. 244, grifos meus).

No trecho destacado, Bourdieu salienta a necessidade de se considerar o campo de poder em que o autor ou artista está inserido, pois a maior parte das práticas e representações desenvolvidas encontram correspondência naquelas manifestas no interior do campo de poder.

Considerando que Gaskell e Greg eram oriundos de famílias unitárias, inseridos em uma comunidade próxima de seguidores da mesma corrente ideológica, percebe-se que ambos compartilhavam o mesmo espaço social - no âmbito religioso e econômico -; porém, ocupavam posições distintas no campo de poder, com a família de Greg mais próxima deste do que a de Gaskell. Em outras palavras, embora compartilhassem características formativas semelhantes, Gaskell e Greg - a filha de um ministro religioso e o filho de um industrial de sucesso -, pertenciam a estratos diferentes da sociedade, sendo o habitus de cada um reflexo desta diferença. A religião, porém, acabaria se mostrando uma constante nos trabalhos de ambos os autores, tendo importantes elementos do Unitarismo - como a ideia de racionalidade, caridade e tolerância - se manifestado em seus textos em maior ou menor grau.

## **2.2 O fazer-se da escritora: espaços possíveis**

Um outro aspecto que une Gaskell e Greg é o fato de que ambos acabaram, eventualmente, ingressando na vida intelectual durante a idade adulta. As formas e os locais ocupados por ambos podem colaborar para um maior entendimento dos espaços possíveis de ocupação para homens e mulheres na Inglaterra do século XIX, bem como suas especificidades e peculiaridades.

No caso de Gaskell, o contato com a literatura começou a se intensificar nos primeiros anos de sua vida de casada. Seu casamento com o ministro unitário William Gaskell ocorreu em 1832, após uma sucessão de tragédias familiares - o desaparecimento de seu irmão mais velho, John, em 1828 e o falecimento do pai, William Stevenson, em 1829. Ambos fixaram residência em Manchester, onde William trabalhava como ministro assistente da Unitarian Cross Street Chapel. O casamento atribuiu a Elizabeth tarefas específicas - como o envolvimento em ações de caridade promovidas pela capela e na escola dominical, onde costumava lecionar. Ela também teve uma espécie de parceria intelectual com o marido: William costumava lecionar literatura inglesa para trabalhadores no Manchester New College



e no Mechanics Institute, e as aulas eram preparadas em conjunto pelo casal (SPENCER, 1993, p. 9).

A multiplicidade de papéis fez com que Gaskell, eventualmente, visse a si própria de maneira conflitante. Nas palavras de Spencer, Gaskell se enxergava como um ser múltiplo, possuidor de várias facetas difíceis de serem separadas entre si. Dentre eles, os mais importantes seriam o “eu” cristão, o “eu” escritor e o “eu” mulher de família (em outras palavras, a boa esposa e mãe). Ambos são vistos como importantes deveres a serem seguidos por Gaskell; porém, estes deveres costumavam, com frequência, entrar em conflito (SPENCER, 1993, p. 3-4). Em uma carta de 1850, a escritora fala à amiga Eliza Fox sobre estes conflitos:

**[...] sobre os deveres domésticos e a vida individual; é apenas meu quebra-cabeça; e não acho que posso chegar mais perto de uma solução do que você...** Uma coisa é muito clara, **Mulheres, devem desistir de viver uma vida de artista, se os deveres domésticos devem ser fundamentais.** É diferente com os homens, cujos deveres domésticos são uma parte tão pequena de sua vida. No entanto, estamos falando de mulheres. **Tenho certeza de que é saudável para elas terem o refúgio do mundo oculto da Arte para se abrigarem quando muito pressionadas por pequenas flechas liliputianas diárias de cuidados ambulantes; impede que sejam mórbidas, como você diz; e as leva para a terra onde o Rei Arthur está escondido, e as acalma com sua paz. Eu senti isso ao escrever, vejo outros sentirem na música, você na pintura, então certamente uma combinação dos dois é desejável. (Os deveres do lar e o desenvolvimento do indivíduo, quero dizer),** no que você dirá que não é preciso nenhum Salomão para lhe dizer, mas **a dificuldade é onde e quando fazer um conjunto de deveres servir e dar lugar ao outro** (GASKELL apud SPENCER, 1993, p. 4, grifos meus, tradução minha).<sup>5</sup>

Embora fique claro de que Gaskell não acredita que uma mulher deva se dedicar com maior intensidade ao trabalho intelectual - pois os “deveres domésticos” são primordiais para a mulher, ao contrário do que acontece com o homem -, a autora vê a atividade artística e intelectual com bons olhos. Todavia, a positividade a respeito desta ocupação ocorre somente quando ela não passa de um escape da vida diária. Sua principal dúvida reside em como navegar entre os deveres de escritora de e os de esposa/mãe: lhe parece difícil saber quando é o momento correto de priorizar um em detrimento do outro.

Nesse sentido, a literatura foi se tornando, de forma progressiva, um escape para Gaskell à medida em que o cotidiano duro de Manchester a oprimia. É justamente o fato da atividade

---

<sup>5</sup> “[...]about home duties and individual life; it is just my puzzle; and I don't think I can get nearer to a solution than you have done .... One thing is pretty clear, Women, must give up living an artist's life, if home duties are to be paramount. It is different with men, whose home duties are so small a part of their life. However we are talking of women. I am sure it is healthy for them to have the refuge of the hidden world of Art to shelter themselves in when too much pressed upon by daily small Lilliputian arrows of peddling cares; it keeps them from being morbid as you say; and takes them into the land where King Arthur lies hidden, and soothes them with its peace. I have felt this in writing, I see others feel it in music, you in painting, so assuredly a blending of the two is desirable. (Home duties and the development of the Individual I mean), which you will say it takes no Solomon to tell you but the difficulty is where and when to make one set of duties subserve and give place to the other.”

literária representar uma fuga da realidade para Gaskell que a transformaria, posteriormente, em uma escritora habitual. Em 1845, seu filho Willie faleceu antes de completar um ano, vítima de escarlatina; pouco depois, dedicou-se a escrever com mais intensidade como uma forma de lidar com seu próprio luto. O resultado foi a publicação de *Mary Barton*, em 1848. Ao mesmo tempo em que a literatura lhe servia como refúgio (ao lado de constantes viagens para o campo), também era utilizada como ferramenta para enfrentar a dureza que via rotineiramente. Isto explicaria o fato de suas obras iniciais (como é o caso de *Mary Barton*) enfatizarem a denúncia da realidade social de Manchester (SPENCER, 1993, p. 10).

*Mary Barton* foi publicado durante a eclosão da chamada Primavera dos Povos, conjunto de revoluções ocorridas em 1848 no continente europeu. A história se passa entre 1839 e 1842 - durante o período da história britânica conhecido como Hungry Forties<sup>6</sup> - e, através da personagem-título, apresenta a difícil vida dos trabalhadores de Manchester. Porém, embora empreste seu nome ao título do romance, Mary e sua participação em um triângulo amoroso com o operário “Jem” Wilson e o herdeiro da fábrica Harry Carson não são os verdadeiros protagonistas do romance; o foco do livro é no pai de Mary, John Barton, e sua gradual decadência moral motivada pelo sofrimento diário - que, eventualmente, culmina no assassinato de Harry. De fato, *John Barton* deveria ser o título original do livro, bem como seu protagonista - segundo a própria Gaskell, o personagem era seu herói e objeto de todas as suas simpatias (GASKELL apud WILLIAMS, 1969, p. 106) -; porém, acredita-se que a autora foi influenciada pelos seus editores a modificar alguns elementos de seu livro, incluindo o título (WILLIAMS, 1969, p. 107).

Lançado pela editora Chapman & Hall em dois volumes, *Mary Barton* não indicava sua autoria. Esta não seria a primeira vez que seu nome não assinava uma de suas obras:

[...] Mudanças ao longo do tempo em nosso retrato desta autora podem ser registradas por algo aparentemente tão fixo quanto um nome. De 1810 a 1865, ela era conhecida por seus contemporâneos como Elizabeth Cleghorn Stevenson, Sra. Gaskell, E. C. Gaskell (como ela geralmente assinava) e - menos frequentemente - Elizabeth Gaskell. Inaugurando sua carreira com um pseudônimo que logo seria abandonado “Cotton Mather Mills” (e mais tarde contemplando o apelido “Stephen Berwick”), ela publicou *Mary Barton* em 1848 anonimamente; o nome E. C. Gaskell apareceu pela primeira vez na página de título não de um romance, mas da biografia de Brontë em 1857 (D’ALBERTIS, 2007, p. 13-14, tradução minha).<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Período de grande depressão econômica no Reino Unido, motivado por colheitas ruins, problemas na atividade comercial e aumento do desemprego. Adaptado de **Hungry Forties**. Disponível em: <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803095950840#:~:text=A%20period%20in%20the%20early,accompanied%20by%20a%20bad%20harvest.>>>. Acesso em 08 set. 2021.

<sup>7</sup> “[...] Shifts over time in our picture of this author can be registered by something as seemingly fixed as a name. From 1810 to 1865 she was known variously to her contemporaries as Elizabeth Cleghorn Stevenson, Mrs. Gaskell, E. C. Gaskell (as she generally signed herself), and – least frequently – Elizabeth Gaskell. Inaugurating her career with a soon-to-be-abandoned pseudonym “Cotton Mather Mills” (and later contemplating the moniker “Stephen

É interessante constatar o quanto a autoria - ou, em outras palavras, ter o seu nome atrelado à suas obras - não parece algo primordial para Gaskell. Isto parece ser algo que muda ao longo dos anos, considerando o fato de que sua biografia de Charlotte Brontë, publicada em 1857, a relaciona como autora. Segundo Deirdre D'Albertis, a própria Gaskell teria se referido à sua insistência em não assinar com seu "nome adequado" como "a silly piece of bride-like affectation" (GASKELL apud D'ALBERTIS, 2007, p. 14) - referindo-se, talvez, a um possível apego com seu sobrenome de solteira.

Esta questão ecoa o proposto por Bourdieu em *A Ilusão Biográfica*:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (BOURDIEU, 2002, p. 189-190).

De forma sintética, o nome da autora não possui importância para definir e explicar como ela veio a se tornar o que acabou sendo; o relevante é a análise de sua trajetória, buscando os *fatores* que a levaram a se transformar eventualmente em Elizabeth Gaskell, a romancista. Aqui, o nome aparece não como definidor da trajetória, mas sim como forma de salientar um processo específico.

Cerca de um ano após a publicação de *Mary Barton*, sua autoria já era de conhecimento geral - mesmo com o anonimato de sua publicação. Tornar-se oficialmente a autora de um romance popular possibilitou a Gaskell estabelecer diversas novas amizades com outros escritores e intelectuais, tais como Thomas Carlyle, Charles Dickens (com quem viria a colaborar posteriormente, publicando na revista *Household Words*) e Charlotte Brontë (que seria biografada pela própria Gaskell nos anos seguintes). Dessa maneira, se tornar uma romancista reconhecida aumentou seu *capital simbólico*, conferindo a Gaskell prestígio entre seus pares. Este é o principal impacto da revelação do nome da autora; serviu não como uma maneira de organizar sua trajetória enquanto romancista, mas sim para definir sua tomada de posição no campo de produção cultural - através de um acréscimo em seu capital simbólico.

---

Berwick'), she went on to publish *Mary Barton* in 1848 anonymously; the name E. C. Gaskell appeared first on the title page not of a novel, but of the biography of Brontë in 1857."

Embora a conceituação de Bourdieu sobre campo de poder e campo de produção cultural se refira ao contexto francês no século XIX, suas definições podem colaborar no entendimento do contexto de produção literária na Inglaterra do mesmo período.<sup>8</sup> Com a ascensão da *novel*, o espaço correspondente ao que Bourdieu classificou como *subcampo de grande produção* possuía maior força dentro do campo de produção cultural. Seus integrantes, de maneira semelhante ao exposto por Bourdieu, seriam detentores de um capital econômico relativamente maior em comparação ao de seus pares do outro subcampo; todavia, o seu capital simbólico não seria de todo reduzido, justamente pela grande popularidade da *novel* e dos periódicos. Assim, Gaskell estaria posicionada dentro do subcampo de grande produção, adquirindo mais capital simbólico quando sua autoria de *Mary Barton* foi reconhecida - o que lhe possibilitou se aproximar dos outros integrantes do subcampo, sendo capaz de estabelecer com eles relações pessoais e, futuramente, profissionais.

*Mary Barton* foi um sucesso de vendas; porém, gerou uma recepção mista. Sua fidelidade na descrição da situação de Manchester e das características dos trabalhadores locais (como sua forma de falar, por exemplo) foi bastante elogiada. As principais críticas a acusavam de tomar partido de um único lado, apresentando as relações entre empregadores e empregados de forma “perigosamente distorcida” (SPENCER, 1993, p. 11). Esta reação remonta ao exposto por Raymond Williams em *Cultura e Sociedade*: segundo o autor, *Mary Barton* faz parte de um grupo de obras, surgido em meados do século XIX, que não só teria sido capaz de descrever expressivamente os impactos sociais do começo da industrialização mas, também, ilustrado ideias comuns nas quais baseavam-se a “resposta direta de sentimento e pensamento à nova forma de sociedade” (WILLIAMS, 1969, p. 105). Em outras palavras, o conceito de “estrutura de sentimentos” proposto pelo autor serviria como uma forma de conceituar tal processo, expressando-o de maneira articulada. No caso de *Mary Barton*, a “estrutura” se manifesta no conteúdo do romance e da crítica por ele provocada.

A percepção de que a situação dos trabalhadores e sua relação com seus patrões era apresentada de forma “ingênua” - ou até mesmo “perigosa” - foi o principal ponto apresentado por William Rathbone Greg em sua resenha de *Mary Barton*, publicada anonimamente em 1849 na *Edinburgh Review*. Naquele ano, Greg já era um escritor prolífico; sua atuação na atividade já era intensa desde pelo menos 1832, ano em que seus primeiros escritos sobre política internacional foram publicados. O tempo gasto com a escrita era dividido com os negócios familiares que, todavia, começavam a enfrentar uma série de dificuldades. Ambas coexistiram

---

<sup>8</sup> Considerar o esquema desenvolvido pelo próprio Bourdieu em *As Regras da Arte*, p. 140.

até 1850, quando Greg faliu e, assim, pôde se dedicar integralmente à atividade intelectual; durante este período, ele já havia se engajado na vida política e cultural de Manchester, sendo grande opositor das Corn Laws<sup>9</sup> (um ensaio seu, *Agriculture and the Corn Laws*, chegou a ser premiado em 1842 pela Anti-Corn Law League<sup>10</sup>).

Dentre suas obras mais conhecidas, estão *The Creed of Christendom* (1851), obra de estudo sobre fundamentos religiosos, e *Why Are Women Redundant?* (1862), que discute sobre o “problema crescente” das chamadas “mulheres supérfluas”, que se mantinham solteiras mesmo estando no “primor da vida” e corriam o risco de uma vida marcada “pelo celibato, pelas dificuldades e por privação”.<sup>11</sup>

A produtividade intelectual de Greg - em conjunto com sua amizade com o jornalista e analista político Walter Bagehot - lhe permitiu estabelecer importantes vínculos na sociedade cultural londrina. Em seu texto, Middleton afirma que Greg possuía, entre seus conhecidos, figuras como o filósofo evolucionista Herbert Spencer, o ensaísta e historiador Thomas Carlyle e a romancista George Eliot (MIDDLETON, 2021, p. 5). Assim, de forma semelhante ao ocorrido com Gaskell, Greg obteve um acréscimo de capital simbólico dentro do campo de produção cultural. A maior parte da produção intelectual de Greg, todavia, foi a de ensaios e artigos: calcula-se que tenha publicado mais de 150 textos em revistas e periódicos, abordando múltiplas temáticas - política, teologia, literatura e economia eram seus assuntos preferidos (MIDDLETON, 2021, p. 6). Muitos destes textos eram críticas e resenhas de obras de outros autores; dentre estes, como é o caso do material a ser analisado neste trabalho, diversos haviam sido publicados anonimamente.

De acordo com Laurel Brake,

De seus berços aos seus túmulos críticos, os escritores eram acomodados pelos periódicos que operavam um sistema informal de aprendizagem para o aspirante a escritor, inicialmente por meio de contribuições anônimas sobre uma variedade de áreas temáticas. Comum entre a crítica e os críticos vitorianos entre 1840 e 1870, essa amplitude de interesse, que serviu como coloração protetora, também pode tê-los escondido de críticos posteriores. Em particular, a falta de especialização em literatura inglesa fazia parte de um período em que o inglês não estava firmemente estabelecido como uma matéria para estudo em escolas e universidades britânicas, ou como uma matéria separada em geral. Os termos “crítico” e “crítica” funcionaram como nossos

<sup>9</sup> As leis dos cereais (*Corn Laws*) foram instituídas em 1815 e tinham o objetivo de limitar severamente a importação de trigo. As medidas beneficiavam os grandes proprietários de terra (*landlords*). As campanhas de revogação das leis (efetivada em 1846) simbolizaram a ascensão do capitalismo manufatureiro, que defendia medidas mais alinhadas com o livre comércio - e, consequentemente, com seus interesses. Adaptado de: [https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/corn\\_laws.htm](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/c/corn_laws.htm). Acesso em 02 set. 2021.

<sup>10</sup> Organização que visava combater as Corn Laws, fundada em 1839 pelo político Richard Cobden. Adaptado de: <https://www.britannica.com/topic/Anti-Corn-Law-League>. Acesso em 09 set. 2021.

<sup>11</sup> DINIEJKO, Andrezj. **The New Woman Fiction.** Disponível em <https://victorianweb.org/gender/diniejko1.html>. Acesso em 06 set. 2021.

termos “revisor” e “revisão”, sem nenhuma associação especial com o que desde então definimos como “literatura” (BRAKE, 1994, p. 2, tradução minha).<sup>12</sup>

Como salienta a pesquisadora, o anonimato era uma prática comum entre escritores em início de carreira, estimulada pelos próprios periódicos no que é classificado como “sistema informal de aprendizagem”. Este sistema se concretizava através da elaboração de diversos textos anônimos - que poderiam ser de diversas áreas do conhecimento - por parte do aspirante a escritor. Naquele período, afirma Brake, a crítica não era uma atividade profissional: “crítico” possuía o mesmo significado de “resenhista” e não estava necessariamente ligado à literatura. Além disto, um mesmo resenhista poderia colaborar para várias publicações.

No período em que Greg escreveu sua resenha, o anonimato ainda era hábito na maioria dos periódicos, revistas e jornais diários. O anonimato também permitia a prática do *puffing*, a realização de recomendações e comentários positivos exagerados para fins profissionais; muitas vezes, tal prática consistia em uma das formas de renda mais importantes de uma publicação, servindo também como prática para o escritor iniciante. Como na época era rara a existência de um quadro de empregados fixo nas redações, se costumava ofertar a elaboração de parágrafos “por encomenda” para editores; estes, em troca, poderiam ser enviados para jornais menores pelos próprios editores. Frequentemente, os resenhistas aproveitavam a oportunidade para elogiar o trabalho de amigos e criticar os de seus inimigos (BRAKE, 1994, p. 19-20).

Quando a atividade começou a dar seus primeiros passos em direção à profissionalização, em meados do século, os debates em torno da questão do anonimato se intensificaram. O cerne da discussão tinha a ideia da discrição (pois ainda era recorrente a ideia de que trabalhar para periódicos era algo aquém daqueles que participavam da vida pública) como um de seus pilares; porém, a *identidade coletiva* da publicação também possuía relevância. Alguns autores encaravam o anonimato como algo positivo, pois permitiria a escritores iniciantes ou novatos basearem-se na *autoridade coletiva* que o nome da publicação representava (MAURER apud BRAKE, 1994, p. 21). Nesse sentido, se um autor resolvesse assinar seu próprio texto, tal autoridade coletiva - assim como a identidade coletiva da publicação - seria afetada (BRAKE, 1994, p. 24).

---

<sup>12</sup> “From their critical cradles to their graves, writers were accommodated by the periodicals which operated an informal system of apprenticeship for the would-be writer, initially through anonymous contributions over a range of subject areas. Common among Victorian critics and criticism between 1840 and 1870, this breadth of interest, which served as protective colouring, may also have hidden them from later critics. In particular, the lack of specialisation in English literature was part of a period in which English was not firmly established as a subject for study in British schools and universities, or as a separate subject more generally. The terms ‘critic’ and ‘criticism’ functioned as our terms ‘reviewer’ and ‘review’, with no special association with what we have since defined as ‘literature’.”

Como salienta Mark Schoenfield,

[...] Duas tendências divergentes caracterizam a gestão da identidade pelos periódicos. Em primeiro lugar, as publicações consolidaram vozes autorais distintas em vozes autoritárias e corporativas únicas, como o *Edinburgh Reviewer* ou o *Mr. Satirist*. Em segundo lugar, o uso de pseudônimos, os correspondentes fictícios e outras táticas permitiam a proliferação de vozes, de modo que mesmo um único indivíduo, como Walter Scott ou Lord Eldon, pudesse falar em registros distintos, alguns escolhidos pelos indivíduos e alguns infligidos a eles (SCHOENFIELD, 2009, p. 3, tradução minha).<sup>13</sup>

Dessa forma, os periódicos da época seriam caracterizados pela presença dessa identidade coletiva que, ao consolidar múltiplas vozes em uma só - a voz editorial -, lhe atribuía autoridade. A prática do anonimato seria uma das ferramentas para que essa consolidação pudesse ser executada, beneficiando tanto a publicação - trazendo-lhe material e alimentando sua própria voz - quanto os autores, iniciantes (ao lhes possibilitar um espaço já robusto e confiável para começar sua carreira) ou já consagrados (lhes dando toda a discrição possível para atuar).

O caso do *Edinburgh Review* é um exemplo que ilustra adequadamente este panorama. Fundada em 1802 e publicada até 1929, a publicação é considerada um dos pilares da profissionalização dos periódicos britânicos, tendo sido uma das mais respeitadas em sua época de publicação. Fundada por Francis Jeffrey, Sydney Smith e Henry Brougham, possuía a princípio circulação trimestral e tinha o objetivo de contrapor o governo de Henry Addington, do partido Tory<sup>14</sup>, bem como ser um meio de divulgação do liberalismo. Segundo Schoenfield, a publicação foi um sucesso estrondoso: em seu terceiro número, já havia vendido em torno de 2.500 cópias, e sua rápida ascensão incentivou o surgimento de periódicos similares - de tendência política semelhante ou mesmo discordante (SCHOENFIELD, 2009, p. 7).

Segundo a pesquisadora Diana Cooper-Richet, a *Edinburgh Review* - ao lado da *Quarterly Review* - representou uma imensa inovação no que diz respeito à publicação de periódicos no Reino Unido. Estas publicações, contendo artigos referentes a diversas áreas do conhecimento, teriam sido essenciais para formar intelectualmente as elites britânicas, auxiliando-nas a construir uma identidade específica - marcada por um pragmatismo em relação à política e à economia, além de um sentimento de superioridade. Especificamente sobre a *Edinburgh Review*, Cooper-Richet aponta que seu lançamento foi responsável pela introdução

---

<sup>13</sup> “[...] Two divergent tendencies characterize the management of identity by periodicals. First, publications consolidated distinct authorial voices into single corporate, authoritative voices, such as the *Edinburgh Reviewer* or *Mr. Satirist*. Second, pseudonymity, fictitious correspondents, and other tactics permitted the proliferation of voices, so that even a single individual, such as Walter Scott or Lord Eldon, could speak in distinct registers, some chosen by the individuals and some inflicted upon them.”

<sup>14</sup> O Partido Tory é um partido britânico de tendência conservadora, ocupado principalmente por membros da aristocracia. Fundado em 1678, foi dissolvido em 1834 e substituído pelo atual Partido Conservador britânico.

de um novo estilo de publicação, ao veicular materiais - na descrição de escritores da época, como Lord Cockburn e Pierre Larousse - marcados por um tom espirituoso, independente e imparcial (COOPER-RICHET, 2006, p. 413-415).

Publicada a cada três meses, entre 11.000 e 14.000 exemplares da *Edinburgh* circulavam, trazendo artigos bastante extensos (a resenha de Greg, por exemplo, possui trinta e três páginas) que levavam cada fascículo a possuir cerca de 250 e 300 páginas; os que faziam análises de livros continham trechos das obras abordadas - muitas vezes em idiomas que não o inglês, sendo o francês um dos mais comuns. Como discutido anteriormente, os textos não eram assinados pelos seus autores - que, de acordo com Cooper-Richet, eram sempre bem pagos pela sua produção (COOPER-RICHET, 2006, p. 416).

Como afirma a autora,

A revista escocesa, nascida num país onde a formação de opiniões livres e independentes é mais difícil que na Inglaterra, tem, desde o início, como ambição, criar um espaço de expressão para os jovens liberais instruídos e abertos ao mundo, que pulam de impaciência intelectual e também política, ao norte dos montes Cheviot. (COOPER-RICHET, 2006, p. 416-417)

A partir deste trecho, podemos considerar a *Edinburgh* como um espaço de formação para intelectuais de classe média e classe média alta; em outras palavras, o periódico seria um local onde poderiam iniciar sua carreira na escrita, utilizando-se do anonimato como uma estratégia de aquisição de autoridade para seus textos - empregando, para tanto, a autoridade coletiva da própria *Edinburgh*.

O conteúdo do periódico era bastante variado, abordando não apenas literatura, mas também ciências, história, política e relatos de viagens e expedições; além disso, questões de atualidade também eram abordadas, como a abolição das escravidão nas colônias, a reforma parlamentar e a situação dos operários, por exemplo. Como afirma Cooper-Richet, estes temas eram comuns no período abordado, no qual uma identidade nacional britânica era forjada:

Nos seus trabalhos, Linda Colley mostrou como foi-se forjando, no século XVIII e no começo do XIX, um sentimento de identidade nacional “britânica”, abarcando num Estado multinacional ingleses, escoceses e galeses. Esta identidade, de uma força e coerência que nada conseguiu pôr em causa antes do fim do século XX, se respalda no poder desse país no mundo, tanto na terra como no mar, e na força aglutinante que representa para todos o protestantismo, sendo que a religião é um dos raros domínios no qual o Estado intervém diretamente, mas também na longa rivalidade com a França, no seio da qual a batalha de Waterloo representa um papel mais do que simbólico. Algumas grandes questões que agitam o mundo político e as elites na nação nos primeiros decênios do século XIX e nas quais as melhores revistas participam ativamente alimentando o debate, são fundamentais na construção, relativamente tardia, de uma identidade britânica desejada e partilhada pelas classes dirigentes. (COOPER-RICHET, 2006, p. 420-421)



Esta identidade, fundamentada principalmente no poderio britânico, no protestantismo e na rivalidade com a França, encontra nos debates estimulados pelos periódicos um local de grande desenvolvimento. Assim, a *Edinburgh* pode ser vista como uma importante formadora da mentalidade das elites britânicas, inculcando valores relacionados a esta identidade em desenvolvimento.

A oposição ao domínio francês - intenso e sólido em solo europeu até o século XVIII, característica fundamental da identidade nacional britânica, se manifesta também no campo literário. Citando Stefan Collini, Pascale Casanova aponta que a Inglaterra possui uma característica peculiar: categorizar a “literatura inglesa” como a mais importante configuração da identidade nacional (CASANOVA, 2006, p. 99). Isto significa que, em solo inglês, a literatura tornou-se o principal meio para definir e afirmar a identidade nacional - em diálogo com sua rivalidade com a França:

[...] De fato, embora o nacionalismo inglês não tenha assumido as mesmas formas que no resto da Europa, pode-se pensar que a definição da identidade nacional foi a princípio elaborada no final do século XVIII como reação ao poderio francês. Essa contestação da hegemonia francesa exprimiu-se muitas vezes por meio de uma fobia exacerbada contra a França, provavelmente no mesmo nível da arrogância e da afirmação da onipotência francesas. O trabalho de construção nacional foi feito principalmente contra uma França considerada hostil, “tirânica” e católica, e formou-se a partir da “diferença que o protestantismo constituiria”. Na mesma lógica, a literatura, “nacionalizada” aos poucos, isto é, designada como “inglesa”, como propriedade nacional, afirmou-se contra o predomínio francês. (CASANOVA, 2006, p. 99-100)

Como destacado no trecho, a literatura considerada “nacional” na Inglaterra estruturou-se de forma oposta à proeminência cultural francesa. Nesse sentido, considerando seus elementos de construção próprios, podemos concluir que o campo de produção literária na Inglaterra da época é definido por características opostas às do campo francês.

No caso da França, o campo literário se desenvolve de forma a atribuir um maior capital simbólico às formas artísticas que vendem em menor quantidade - constituindo, nas palavras de Bourdieu, um “universo econômico propriamente antieconômico que se instaura no pólo economicamente dominado, mas simbolicamente dominante, do campo literário” (BOURDIEU, 1996, p. 101). Em contrapartida, a situação da Inglaterra possuía algumas peculiaridades: a quantidade de vendas estava diretamente relacionada à quantidade de capital simbólico. Autores populares - como Charles Dickens, por exemplo - possuíam autonomia o suficiente para negociar contratos de publicação e estabelecer acordos conforme suas exigências; algo impossível, contudo, para a maioria dos escritores. (ELIOT, 2001, p. 55-56)

Considerando estes pontos, podemos pensar na *Edinburgh Review* como um dos agentes sociais de maior destaque no campo literário britânico, sendo, também, possuidor de uma importante quantidade de capital simbólico baseado no reconhecimento de seu nome e de um número de vendas bastante alto. Através da prática do anonimato, os colaboradores do periódico, por consequência, se beneficiam da posição vantajosa da *Edinburgh* em certa medida, obtendo reconhecimento - em especial no começo de uma carreira intelectual. Embora a ideia de identidade coletiva do periódico baseada no anonimato do autor possa parecer um impeditivo para isto, em um primeiro momento, é preciso ter em mente que o anonimato, embora valorizado como algo útil para o escritor iniciante, não era necessariamente visto como um segredo que deveria ser preservado a qualquer custo. É possível imaginar que, entre os agentes do campo de produção literário inglês, as especulações (e eventuais descobertas) sobre as prováveis autorias dos textos anônimos fizessem parte de discussões e conversas habituais.

A partir da análise feita neste capítulo, foi possível concluir que Elizabeth Gaskell e William Rathbone Greg possuíam *habitus* distintos. Embora pertencessem a ao que se convencionou chamar de “classe média”, os autores eram originários de estratos sociais com diferenças acentuadas - com Gaskell, filha de um clérigo, possuindo origens um pouco mais modestas que a de Greg, cuja família controlava e possuía uma série de fábricas em território inglês.

Da mesma forma, a inserção no campo de produção literário inglês de ambos se deu de formas diferentes: enquanto a de Greg se deu através da publicação de ensaios, durante seus anos na universidade, a de Gaskell ocorreu após certo tempo, consolidada de fato com a publicação de *Mary Barton*. É importante ressaltar que estes aspectos não são determinantes; o campo literário e o *habitus* auxiliam a compreender as práticas e representações dos autores, mas não os engessam em uma posição determinada ou servem como “explicação” completa para sua trajetória.

Uma explicação possível para a diferença entre Gaskell e Greg pode ser a forma como a própria escritora encarava a atividade literária em seus primeiros anos: como um refúgio em momentos difíceis e não como uma carreira propriamente dita, ao menos não para si mesma. Todavia, outros pontos não devem ser ignorados: a ideia de participação pública ser algo restrito ao gênero masculino pode ser vista como uma explicação, ainda que sutil, para a forma com que se deu a inserção de Gaskell no campo literário. Este ponto será retomado no terceiro capítulo.

### 3. “Clearly a labour of love”: a crítica de William Rathbone Greg

A primeira edição da *Edinburgh Review* de 1849 continha textos de múltiplas temáticas em suas mais de seiscentas páginas: ensaios relacionados à política, à história, à geografia e à economia do Reino Unido são bastante comuns. Todavia, nenhum destes supera a quantidade de resenhas e críticas a obras literárias; este tipo de texto ocupa a maior parte da edição, sendo a resenha de William Rathbone Greg uma parte integrante deste conjunto.

Já no primeiro parágrafo de sua resenha, Greg deixa clara sua percepção sobre o romance:

**‘Mary Barton’ é uma obra de pretensões mais elevadas do que um romance ordinário.** Visa não apenas delinear as alegrias e tristezas, os amores e ódios de nossa humanidade comum, mas também professa dar uma imagem dos sentimentos, hábitos, opiniões, caráter e condição social de uma classe particular do povo, - uma aula também, que nos últimos anos atraiu grande parte da atenção do público e provavelmente foi objeto de mais **equivocos e deturpações** do que qualquer outra (GREG, 1849, p. 402, grifos meus, tradução minha).<sup>15</sup>

De forma resumida, Greg acredita que o romance não pode ser visto como uma obra comum: ele possui pretensões maiores - a de caracterizar não apenas os sentimentos e paixões humanos, mas também a classe trabalhadora, objeto de discussão e atenção intensificados naquele contexto. Nesse sentido, podemos pensar no conceito de *comunidades cognoscíveis*, de Raymond Williams, como uma forma de problematizar esta questão – e, também, de analisar de maneira mais profunda as atuações de Gaskell e Greg enquanto escritora e crítico, respectivamente.

Segundo Williams, “[e]m sua maioria, os romances são, num certo sentido, comunidades cognoscíveis” (WILLIAMS, 2011, p. 278). Em outras palavras, o romance torna possível não somente a expressão de relações entre indivíduo e meio social, mas também entre escritor e obra. Nesse sentido, o observador possui um papel fundamental na definição do que é, de fato, cognoscível, sendo suas opções e seu ponto de vista essenciais para tanto. Embora Williams relacione o conceito com a forma literária do romance, é possível estender sua definição para entender a crítica escrita por Greg, uma vez que o conceito está ligado, em maior parte, ao papel do autor.

---

<sup>15</sup> “‘Mary Barton’ is a work of higher pretensions than an ordinary novel. It aims not only at the delineation of the joys and sorrows, the loves and hatreds of our common humanity, but it professes also to give a picture of the feelings, habits, opinions, character and social condition of a particular class of the people, —a class, too, which has of late years attracted a great share of public attention, and has probably been the subject of more misconception and misrepresentation than has fallen to the lot of any other.”

Embora categorize *Mary Barton* como um trabalho de notável valor artístico, Greg aponta que alguns de seus principais elementos podem ser bastante prejudiciais. Esta percepção é aprofundada no seguinte trecho:

**Este pequeno esboço talvez permita aos poucos de nossos leitores que também não foram leitores do livro em si formar alguma concepção da construção da história e compreender nossos trechos. [...] A autora - pois 'Mary Barton' é entendida como, e de fato é muito palpavelmente, a produção de uma senhora - [...] Ela evidentemente viveu muito entre as pessoas que descreve, tornou-se íntima de seus serões, e sente uma sincera, embora às vezes muito exclusiva e indiscriminada, simpatia por eles.** Em suma, seu trabalho foi claramente um "trabalho de amor" e foi escrito com um propósito mais sincero e benevolente. [...].

**Mas também deve ser considerado de um ponto de vista mais sério.** Ele vem diante de nós, professando ser uma imagem fiel de uma classe pouco conhecida, embora mais enérgica e importante da comunidade; e tem a nobre ambição de fazer um bem real, criando simpatia, difundindo informações e removendo preconceitos. [...] a impressão geral deixada pelo livro, sobre aqueles que lêem como meros destinatários passivos, será imperfeita, parcial e errônea. Não obstante o bom senso e o bom sentimento de que abunda, é calculado, tememos, em muitos lugares, que irá enganar as mentes e confirmar e exasperar os preconceitos do público em geral, por um lado, e dos operários da fábrica, por outro (GREG, 1849, p. 403, grifos meus, tradução minha).<sup>16</sup>

No trecho, fica visível a quem a resenha se direciona: o público costumeiro do *Edinburgh Review*, pertencente a uma elite econômica e social, que ainda não havia lido o romance. Seu objetivo é o de servir de guia para este leitor que, desconhecendo *Mary Barton*, necessita de um guia para tomar conhecimento do que, na percepção do resenhista, era mais importante na história.

Greg delinea os principais pontos negativos e positivos de *Mary Barton*. Segundo ele, o maior mérito do romance seria o interesse da autora no assunto abordado, apontando o quanto sua simpatia com os trabalhadores era palpável - e, até mesmo, muito "exclusiva e indiscriminada" -; Greg chega a afirmar que o livro seria, claramente, um "trabalho de amor". É interessante constatar que o resenhista categorize o romance dessa forma e chame a pessoa

---

<sup>16</sup> This meagre sketch will perhaps enable those few of our readers who have not also been readers's of the book itself, to form some conception of the construction of the story, and to understand our extracts. [...] The authoress — for 'Mary Barton' is understood to be, and indeed very palpably is, the production of a lady— [...] She has evidently lived much among the people she describes, made herself intimate at their firesides, and feels a sincere, though sometimes too exclusive and indiscriminating, sympathy with them. In short, her work has been clearly a 'labour of love,' and has been written with a most earnest and benevolent purpose. [...].

But it must also be regarded in a more serious point of view. It comes before us professing to be a faithful picture of a little known, though most energetic and important class of the community; and it has the noble ambition of doing real good by creating sympathy, by diffusing information, and removing prejudices. [...] the general impression left by the book, on those who read as mere passive recipients, will be imperfect, partial, and erroneous. Notwithstanding the good sense and good feeling with which it abounds, it is calculated, we fear, in many places, to mislead the minds and confirm and exasperate the prejudices, of the general public on the one hand, and of the factory operatives on the other.

responsável por ele como *autora*, considerando que *Mary Barton* fora publicado anonimamente; esta questão relacionada ao gênero será abordada de maneira mais aprofundada no próximo capítulo deste trabalho.

Para Greg, esta simpatia possuía um objetivo puro e nobre: combater preconceitos relacionados à classe trabalhadora. Todavia, o autor afirma que o romance não foi capaz de colocá-lo em prática. Ao contrário, afirma ele, a maneira com que o livro foi escrito poderia ser bastante prejudicial, incorrendo em uma confusão mental generalizada entre operários e uma difusão de ideias errôneas que levariam à acentuação de uma imagem preconceituosa entre o público leitor. Greg concentra seus esforços em expor, na resenha, o que ele considera como inadequado ou até mesmo prejudicial, explicando com riqueza de detalhes suas motivações para tal classificação.

Os mais relevantes elogios de Greg a *Mary Barton* são as descrições e referências ao que ele categoriza como as “brilhantes e redentoras características” dos trabalhadores de Manchester: traços de personalidade relacionados à moral, considerados adequados aos mais pobres, como a “sagrada paciência” (GREG, 1849, p. 404), a “ajuda mútua” e a “ilimitada bondade” (GREG, 1849, p. 406) entre eles. Nas páginas que se seguem, Greg transcreveu um trecho do romance que, em sua percepção, resumia todas as qualidades dos operários da maneira como foram descritas por Gaskell. O trecho citado descreve a pobreza e a precariedade das instalações, bem como a fome e a tristeza reinantes. Ao presenciar aquele cenário, John Barton tomara uma decisão:

Então ele caminhou, se apressou e correu para casa. Colocou no sempre útil lenço de bolso a pouca refeição que restava no armário. Mary tomaria seu chá na casa da Srta. Simmonds; sua comida do dia estava garantida. Então ele subiu as escadas para pegar seu melhor casaco e seu único lenço de bolso, de alegre seda vermelha e amarela - aquelas eram suas joias, sua prataria, seus objetos de valor. Ele foi à loja de penhores; ele os penhorou por cinco xelins; e não parou, nem hesitou, até estar mais uma vez na London Road, a cinco minutos a pé da Berry Street - então ele andou mais devagar para procurar as lojas que queria. Ele comprou carne e um pão, velas, batatas fritas e, em um mercadinho, alguns quilos de carvão. Ainda restava algum dinheiro - todo destinado a eles, mas Barton ainda não sabia a melhor forma de gastá-lo. Comida, luz e calor, viu imediatamente que eram necessários; pelos luxos, esperaria. Os olhos de Wilson se encheram de lágrimas quando viu Barton entrar com suas compras. Ele entendeu tudo e ansiou por retornar ao trabalho para poder ajudar em algumas dessas formas materiais, sem sentir que estava usando o dinheiro de seu filho. Mas embora ‘prata e ouro não tivesse nenhum’, prestou serviços ao coração e obras de amor, muito mais valiosos. Assim como John Barton também o tinha a oferecer” (GASKELL apud GREG, 1849, p. 407-408, tradução minha)<sup>17</sup>

<sup>17</sup> “[...] So he strode, and ran, and hurried home. He emptied into the ever-useful pocket handkerchief the little meal remaining in the mug. Mary would have her tea at Miss Simmonds’; her food for the day was safe. Then he went up-stairs for his better coat, and his one, gay red-and-yellow silk pocket-handkerchief—his jewels, his plate, his valuables, these were. He went to the pawn-shop; he pawned them for five shillings; he stopped not, nor stayed,

No trecho, Wilson e John Barton visitam Ben Davenports, antigo colega de trabalho. Com febre tifóide, Davenports teve que parar de trabalhar - o que levou a família a morar em um porão completamente insalubre, sem comida ou aquecimento. Penalizado com o que encontra, Barton se apressa a empenhar um item pessoal de valor (um lenço de seda colorido) a fim de comprar comida, carvão e velas para os Davenports. Mesmo não podendo colaborar com grandes valores monetários, a bondade e a vontade imediata de ajudar expressas por Barton são notáveis, ao ponto do resenhista destacá-las em seu texto. De fato, Greg simpatiza com estas demonstrações e reconhece o sofrimento dos operários; porém, sua resposta a ele é bastante peculiar, como analisaremos a seguir. Em um primeiro momento, Greg estabelece a questão do ponto de vista dos leitores do romance:

**Há algum de nossos leitores, vivendo com conforto e luxo, que pode pausar nesta imagem e sentir que é verdadeiro, - sem adoecer o coração e sentir vergonha e autocondenação, - que aquela multidão de criaturas semelhantes, tão merecedoras quanto nós, deveriam afundar em misérias como essas, enquanto nós esbanjamos diariamente em vaidades, ou piores indulgências, aquilo que pode estar disponível para o alívio deles? Esses são sentimentos incômodos, sem dúvida - e naturalmente procuramos acalmá-los por meio de anódinos e restauradores que possam estar à mão (GREG, 1849, p. 409, grifos meus, tradução minha).<sup>18</sup>**

A menção à empatia - bem como a possibilidade do romance de estimulá-la - na fala de Greg representa um espaço interessante de análise. Em *A invenção dos direitos humanos*, Lynn Hunt argumenta que o romance, ao tornar possível ao leitor se identificar com os personagens, incentiva o exercício da empatia. Segundo a autora, este tipo de obra literária costumava expor o “desejo de autonomia” de seus personagens, além de dar luz aos seus sentimentos mais pessoais e individuais; conseqüentemente, o leitor eventualmente passava a enxergar o personagem de maneira mais igualitária e empática à medida em que se envolvia com a história contada.

---

till he was once more in London Road, within five minutes' walk of Berry Street— then he loitered in his gait, in order to discover the shops he wanted. He bought meat, and a loaf of bread, candles, chips, and from a little retail yard he purchased a couple of hundredweights of coal. Some money still remained—all destined for them, but he did not yet know how best to spend it. Food, light, and warmth, he had instantly seen were necessary; for luxuries he would wait. Wilson's eyes filled with tears when he saw Barton enter with his purchases. He understood it all, and longed to be once more in work that he might help in some of these material ways, without feeling that he was using his son's money. But though 'silver and gold he had none,' he gave heartservice, and love-works of far more value. Nor was John Barton behind in these.[...]"

<sup>18</sup> “Are there any of our readers, living in comfort and luxury, who can pause over this picture, and feel it to be true, —without a sickening of the heart, and a sense of shame and self-condemnation,— that multitudes of fellow-creatures, at least as deserving as ourselves, should be sinking under miseries like these, while we are daily wasting in vanities, or worse indulgences, w'hat might be available for their relief? These are uneasy feelings, no doubt,— and we naturally seek to quiet them by such anodynes and restoratives as may be at hand.”

De acordo com Hunt, o exercício desta empatia através da leitura de romances epistolares de meados do século XVIII - *Pamela* (1740) e *Clarissa* (1747-8), de Samuel Richardson, e *Júlia* (1761), de Jean-Jacques Rousseau, são os exemplos destacados pela pesquisadora - teria sido essencial para as discussões sobre direitos humanos que ocorreriam nas décadas seguintes:

[...] Ao ler, eles sentiam empatia além de fronteiras sociais tradicionais entre os nobres e os plebeus, os senhores e os criados, os homens e as mulheres, talvez até entre os adultos e as crianças. Em consequência, passavam a ver os outros — indivíduos que não conheciam pessoalmente—como seus semelhantes, tendo os mesmos tipos de emoções internas. Sem esse processo de aprendizado, a "igualdade" talvez não tivesse um significado profundo e, em particular, nenhuma consequência política. (HUNT, 2009, p. 39-40)

A percepção de que o romance tornava possível ao leitor identificar-se com personagens fictícios era algo já constatado na época de sua publicação – assim como os problemas que isto poderia gerar. Religiosos e médicos costumavam ver a leitura contumaz de romances como uma atividade prejudicial, que enfraqueceria os valores morais e a fé, causando também o desperdício de tempo útil e de fluidos vitais (HUNT, 2009, p. 53).

A identificação extremada, assim, seria perigosa – o que parece ser uma preocupação pontual para Greg, retornando ao trecho da crítica anteriormente abordado. O autor parece preocupado com a possível influência do conteúdo de *Mary Barton*, tendo em mente que os leitores – em especial aqueles de classe média alta, que também iriam ler a *Edinburgh* -, poderiam identificar-se com os sofrimentos dos personagens operários de Gaskell e, conseqüentemente, dar vazão os “sentimentos incômodos” de vergonha por ele mencionados.

Quando relembremos o conceito de *comunidades cognoscíveis*, podemos entender este panorama de forma um pouco mais aprofundada. As preocupações de Greg, assim como o que ele é capaz de *conhecer* e *ver*, estão estreitamente ligadas ao seu posicionamento social – ou seja, às suas origens enquanto filho de um industrial e à sua atuação enquanto crítico e ensaísta em uma revista de renome, voltada para uma elite. Suas preocupações, considerando o contexto em que ele escreve, são bastante específicas.

Publicada em 1849, a resenha se refere a um romance lançado em outubro de 1848 – oito meses antes, *O Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels também havia sido publicado. Em poucos meses, o *Manifesto* já circulava em Bruxelas, Londres e França, estimulado pelo contexto de convulsão social e política daquele ano. Como salienta David Boyle, o período entre 1848 e 1849 pode ser chamado como o “ano louco” para a Europa Ocidental inteira, devido à explosão de revoltas em diversas cidades; estas rebeliões eram motivadas por um anseio da burguesia pelo direito ao voto, como estratégia para ascender ao

poder, e como reação da classe trabalhadora à fome, ao aumento de preços e à crise industrial, que aumentou a pobreza de forma considerável. (BOYLE, 2006, p. 44)

A primeira revolta, conhecida como Revolução de Fevereiro, ocorreu em Paris, sendo seguida por, entre outras cidades, a Renânia (3 de março), Viena (12 de março), Berlim (15 de março) e Milão (18 de março). Segundo Boyle, as convulsões terminaram da mesma forma rápida que haviam iniciado – com intensa repressão e controle, na maior parte dos casos, e com algumas reformas, em outros (BOYLE, 2006, p. 44-45); o impacto destes eventos em sua época, todavia, foi notavelmente grandioso.

Considerando a posição social de William Rathbone Greg e sua atuação enquanto ensaísta e crítico, podemos classificá-lo como um indivíduo que tinha conhecimento dos acontecimentos políticos contemporâneos a ele; assim, as revoltas de 1848 eram eventos cujas motivações e desenrolar ainda estavam bastante frescos em sua memória. Pensando neste panorama, as motivações de sua preocupação com os “sentimentos incômodos” capazes de serem gerados a partir da leitura de *Mary Barton* ficam mais compreensíveis – tendo a Europa recém saído de uma situação conturbada, o estímulo da empatia motivado pelo romance poderia levar a população novamente ao caos.

Neste sentido, Greg procura alertar ao público leitor da *Edinburgh* os perigos de uma empatia indiscriminada para com os problemas da classe trabalhadora – apontando, em sua resenha, para a existência de possíveis remédios para acalmar estes incômodos sentimentos de empatia:

Estamos longe de fazer objeções, como já se viu, à administração desses remédios no estágio adequado. **Mas pensamos que o primeiro acesso da dor não deve ser reprimido por sua aplicação impaciente; e que todas as emoções fortes, que naturalmente surgem em certas ocasiões, devem ter permissão para seguir seu curso e obter seu pleno desenvolvimento, antes de começarmos a questionar a sabedoria que nos sujeitou a elas, - ou procurar subjugar-las por contra-agentes, e dissipá-las pela distração de especulações errantes. O adocimento do coração pode frequentemente ser o preparativo necessário para seu amolecimento; e, antes de engolirmos nossos tônicos para dissipá-lo, pode ser bom examinar se não pode haver alguma rigidez mórbida no fundo, que secretamente agrava a dor da doença e nunca nos deixará descansar até que seja removida.** Em vez disso, então, de nos voltarmos avidamente para as considerações que nos persuadiriam de que o que nos assaltou é uma falsa vergonha e uma autocensura infundada, **examinemos a nós mesmos com zelo sobre o assunto e nos certifiquemos de que temos direito à absolvição em um tribunal infalível, e que essas impressões dolorosas e simpatias avassaladoras foram realmente enviadas a nós em vão.** Em cenas como essas, não há provocação nem censura por parte dos sofredores; e em seu silêncio as respirações baixas de nossos próprios corações e consciências podem, portanto, ser melhor ouvidas (GREG, 1849, p. 409, grifos meus, tradução minha).<sup>19</sup>

<sup>19</sup> “We are far from objecting, as may already be seen, to the administration of these remedies at the proper stage. But we think the first access of pain should not be repressed by their impatient application ; and that all strong emotions, which naturally rise on certain occasions, should be permitted to run their course and obtain their full development, before we begin to question the wisdom which has rendered us subject to them,—or seek to subdue



Greg não nega que a situação dos mais pobres é dolorosa e difícil, e chama a atenção de seus leitores para isso quando afirma que somente alguém sem “senso de vergonha e autocondenação” acreditaria que tamanha miséria seria algo justo. Porém, o autor faz algumas ressalvas: mesmo que a situação seja desoladora, é necessário agir de forma racional sobre os sentimentos que ela produz, evitando apelar para soluções rápidas - que, para Greg, podem ser mais prejudiciais a longo prazo. O resenhista aponta que a atitude correta é a de deixar as “fortes emoções” se instalarem e se desenvolverem, sem procurar abreviá-las. Com isso, o indivíduo seria capaz de analisar racionalmente a origem de suas dores, sem deixar-se levar por exageros passionais. Esta linha de pensamento permeia a continuidade da resenha, sendo perceptível, principalmente, quando Greg comenta a respeito de sindicatos e organizações operárias: para ele, ambos são demonstrações de paixões extremadas e, por isso, objeto de escrutínio.

Embora veja a solidariedade entre os mais pobres sob uma ótica positiva, Greg possui ressalvas no tocante à caridade:

Outra consideração a que o devido peso raramente é concedido, é esta: a causa que, de todas as outras, mais amortece e restringe a mão da caridade. **É o medo de concedê-la indignamente e maliciosamente. Imensa dificuldade é experimentada pelos ricos quando eles tentam discriminar entre casos de impostura e casos de miséria real, - entre casos que seriam um dever e um deleite, e casos que muitas vezes seria um pecado e uma maldade aliviar** (GREG, 1849, p. 411, grifos meus, tradução minha).<sup>20</sup>

Segundo ele, o temor de que as intenções caridosas de indivíduos mais abastados fossem aproveitadas de maneira maliciosa representava “imensa dificuldade” no exercício da caridade. Este parece ser um temor bastante comum entre os membros da classe média vitoriana: entre aqueles que desempenhavam atuação constante em instituições de caridade, costumava-se dedicar uma parcela importante de tempo em busca de “sinais” de fingimento, de comportamentos inadequados ou de problemas provocados pela própria ingerência do

---

them by conter-agents, and dissipate them by the distraction of wandering speculations. The sickening of the heart may often be the necessary preparative for its softening ; and, before we gulp down our cordials to dispel it, it may be well to examine whether there may not be some morbid hardness at the bottom, which secretly aggravates the pang of the sickness, and will never let us rest till it be removed. Instead, then, of turning eagerly to the considerations which would persuade us that it is a false shame and a groundless self-reproach which have assailed us, let us examine ourselves jealously on the subject, and make sure that we are entitled to acquittal at an unerring tribunal, and that these painful impressions and overpowering sympathics have actually been sent to us in vain. In scenes like these there is no provocation and no reproach from the sufferers ; and in their silence the low breathings of our own hearts and consciences may, therefore, be better heard.”

<sup>20</sup> “Another consideration to which due weight is seldom allowed, is this : the cause which of all others most deadens and restrains the hand of charity. Is the fear of bestowing it unworthily and mischievously. Immense difficulty is experienced by the rich, when they attempt to discriminate between cases of imposture and cases of real destitution,—between cases which it would be a duty and a delight, and cases which it would often be a sin and a mischief to relieve.”

indivíduo - de modo a garantir que seus esforços fossem destinados para aqueles que os fossem “merecedores”. Seus donativos continuamente eram acompanhados por conselhos e recomendações, geralmente voltados para a construção de uma autonomia própria. (STEINBACH, 2017, p. 132)

Esta noção de uma caridade condicionada teve seus primórdios justamente na primeira metade do século XIX, período em que, segundo Karl Polanyi, o liberalismo econômico e o laissez-faire se transformaram na ideologia dominante em território inglês, chegando a transformarem-se no que o autor categoriza como, respectivamente, uma “cruzada apaixonante” e um “credo militante”. (POLANYI, 1980, p. 168)

Para Susie Steinbach, o liberalismo vitoriano clássico teria sido baseado principalmente na obra de John Stuart Mill, com especial ênfase em seu ensaio *On Liberty*, de 1859 - que versava a respeito dos limites da autoridade governamental em relação ao indivíduo. Segundo a autora, Mill incentiva a individualidade, caracterizando-a como o caminho mais adequado para a construção de uma sociedade ideal; outros pontos estimulados seriam a ideia de progresso, da retidão de caráter e da necessidade de intervenção do governo em determinados aspectos, como, por exemplo, na execução de uma reforma social - sem abandonar a percepção de que o auxílio governamental em excesso pode ser prejudicial, restringindo a liberdade de ação do indivíduo e podendo sua motivação para buscar o sucesso (STEINBACH, 2017, p. 39). Embora o texto de Mill tenha sido publicado anos após o período abordado neste trabalho, ele pode ser definido como o principal representante das ideias que já circulavam de forma intensa na sociedade vitoriana.

Considerando o fato de que Greg integrou um estrato social elevado durante a primeira metade do século XIX, podemos constatar que seu pensamento ecoava preceitos do liberalismo. Isto fica claro quando o autor se refere a John Barton:

**Há, também, parece-nos, um duplo erro, um erro artístico e um erro de fato, em representar um homem com a inteligência de Barton e hábitos de reflexão e discussão, ser tão ignorante dos princípios básicos do comércio e da ciência econômica da maneira que é aqui descrita. Provavelmente, isso decorre da reconhecida falta de conhecimento da autora a respeito da economia social e política, e de sua ignorância de até que ponto os rudimentos dessas ciências foram dominados pelos artesãos mais atenciosos e mais bem educados de nossas grandes cidades. Mas, de fato, as luzes e as cortinas são aplicadas com muita força em tudo o que se relaciona com John Barton (GREG, 1849, p. 412-413, grifos meus, tradução minha).<sup>21</sup>**

<sup>21</sup> “There is, too, it seems to us, a double error, both an artistic error and an error of fact, in representing a man of Barton’s intelligence and habits of reflection and discussion, to be so ignorant of the first principles of commercial and economic science as he is here described. Probably this arises from the writer’s acknowledged unacquaintance with social and political economy herself, and from her ignorance how far the rudiments of these sciences have been mastered by the more thoughtful and the better educated artisans of our large towns. But indeed the lights and shades are thrown too strongly on every thing relating to John Barton”

O trecho destacado nos permite a análise de um ponto importante a respeito do pensamento de Greg na crítica: a *ambiguidade intelectual* de John Barton. Caracterizado como um homem inteligente, o personagem, todavia, é ignorante no tocante ao comércio e à economia (geral e doméstica); em outras palavras, para Greg, um homem verdadeiramente inteligente, independentemente de sua classe social, deveria possuir ao menos conhecimentos básicos de economia – e Barton, na percepção do crítico, fortemente calcada no liberalismo, não os possui.

Neste sentido, as formas através das quais Greg consegue entender a sociedade, baseadas em sua posição social e na crença em premissas liberais, fundamentam esta visão que o autor possui a respeito de John Barton como um personagem incoerente. Tal incoerência se dá porque Barton não dialoga com a percepção de sociedade que Greg possui, na qual a presença da racionalidade e do planejamento do futuro (contabilizando tempos de dificuldade, doença e escassez) é essencial. Greg continua, explicando essa suposta contradição:

**[...] Nossa objeção é que sua conduta é radicalmente inconsistente com suas qualidades e caráter. Ele não é apenas um homem inteligente, mas um trabalhador firme e habilidoso; e tão confiante em sua própria capacidade, sempre obtendo para si emprego certo, que nunca, quando recebe os salários mais altos (i. 33.), separa um centavo para períodos de doença em casa ou de estagnação do comércio. Enquanto isso, sempre que esses períodos chegam, ele é visto amaldiçoando seus mestres em vez de sua própria imprevidência; gastando seu tempo e dinheiro em sindicatos, quando sua filha e ele mesmo não têm o suprimento das necessidades básicas da vida; e desperdiçar (como fazem tantos operários), em assinaturas de tais objetos, fundos que, devidamente administrados, teriam salvado seu único filho (cuja perda, dizem-nos, distorceu seu temperamento) de uma morte prematura. No entanto, nem para a autora, nem para o suposto sujeito de seu delineamento, em qualquer momento é sugerido como ocorrendo que, se é que alguma vez houve um caso caro em que um homem teve de agradecer a si mesmo pela maioria de suas tristezas e infortúnios, o de John Barton foi esse o caso. **Ao contrário, ele é pintado como totalmente inconsciente, até o fim, de sua própria imprevidência e de sua influência sinistra em sua condição. Em vez de tirar de suas privações as lições de advertência e remorso que, para um intelecto como o dele, devem ter sido tão claras quanto o dia, elas são feitas apenas para acumular combustível novo para aquela pilha funerária à qual sua paixão insensata e vingativa irá, por fim, atear fogo.** (GREG, 1849, p. 412-413, grifos meus, tradução minha)<sup>22</sup>**

---

<sup>22</sup> “[...] Our objection is, that his conduct is radically inconsistent with his qualities and character. He is not only an intelligent man, but a steady and skilful workman ; and so confident in his own capacity always procuring for him certain employment, that he never, when in receipt of the highest wages (i. 33.), lays by a farthing for a time of sickness at home or stagnation of trade. Meanwhile, whenever these periods come, he is found cursing his masters instead of his own improvidence ; spending his time and money on trades’ unions, when both his child and himself are unsupplied with the barest necessities of life; and wasting (as so many operatives do), in subscriptions for such objects, funds which, duly husbanded, would have saved his only son (whose loss, we are told, has warped his temper) from an early grave. Yet neither to the authoress, nor to the supposed subject of her delineation, is it at any time intimated as occurring that, if ever there was a dear case in which a man had to thank himself for most of his sorrows and misfortunes, John Barton’s was that case. On the contrary, he is painted as utterly unconscious, even to the last, of his own improvidence and of its sinister influence on his condition. Instead of drawing from his privations those lessons of warning and remorse which, to an intellect like his, must have been

Aqui, Greg aponta com maior precisão os “erros” na caracterização do personagem John Barton; para o resenhista, a autora erra ao descrevê-lo como um homem inteligente e talentoso e, mesmo assim, fazê-lo agir de forma desregrada, “desperdiçando” seu dinheiro e não criando uma reserva para momentos de maior dificuldade. Outro erro seria a tendência de Barton em colocar a culpa de seu infortúnio nos patrões e não na sua própria falta de cuidado, além de uma pretensa incapacidade em aprender com as consequências de seus próprios atos.

Como já discutido, as atitudes percebidas como “pouco inteligentes” por Greg - a falta de controle com o dinheiro, a atribuição de culpa a outros que não a si próprio - não condizem com as maneiras de agir adequadas segundo o liberalismo. Aqui, podemos retomar a ideia do cognoscível para comparar as percepções de mundo de Greg e Gaskell: ao basear seu pensamento nos preceitos do liberalismo, Greg “restringiu” seu ponto de vista, impedindo a si mesmo de ser capaz de acessar o que era cognoscível para Gaskell; a escritora, por sua vez, foi capaz de enxergar um mundo diferente do que Greg estava acostumado, no qual haviam necessidades urgentes a serem sanadas e a dificuldade de planejar um futuro e economizar dinheiro era muito ampla. No que era cognoscível para Gaskell, ao contrário de Greg, um personagem como o de John Barton fazia pleno sentido.

Embora não negue, em nenhum momento, que os trabalhadores passam por dificuldades, Greg é rápido em apontar que os patrões também sofrem com as crises - chegando, inclusive, a serem afetados de maneira ainda mais dolorida. Suas justificativas são as seguintes:

[...] Seria apenas mais necessário informá-los (como numerosas paralisações de empresas ricas poderiam de fato trazer à sua convicção) que seus senhores sofrem, e sofrem mais dolorosamente, com os reveses e estagnação do comércio que eles imaginam cair apenas sobre si mesmos; imaginar, ainda que superficialmente, a posição daqueles empregadores que, em tais ocasiões, viram o acúmulo de anos de paciente e honesta indústria repentinamente varrido, e que, em um período avançado da vida, tiveram que trabalhar para reconstruir o tecido despedaçado de suas fortunas - e daqueles que, comprometidos ainda mais profundamente, encontram a perspectiva de seus filhos arruinados, seus objetivos derrotados e sua ocupação perdida (GREG, 1849, p. 414-415, tradução minha).<sup>23</sup>

---

as patent as the day, they are merely made to heap up fresh fuel for that funeral pile to which his senseless and vindictive passion is at last to set fire.”

<sup>23</sup> “[...] It was only the more necessary to inform them (as numerous stoppages of wealthy firms might indeed readily bring home to their conviction) that their masters *do* suffer, and suffer most painfully, from those reverses and stagnation of trade which they imagine to fall solely on themselves ; to picture, however cursorily, the position of those employers who, on such occasions, have seen the accumulations of years of patient and honest industry suddenly swept away, and who, at an advanced period of life, have had to set to work to reconstruct the shattered fabric of their fortunes — and of those who, compromised more deeply still, find the prospects of their children blighted, their objects defeated, and their occupation gone.”

Todavia, no ponto de vista de Greg, a explicação para o fato de que as crises econômicas afetarem mais gravemente os trabalhadores não seria sua situação de exploração. No mesmo trecho, ele aponta outra vez para a noção de planejamento em relação ao futuro incerto:

Não é verdade que períodos como 1842, quando a cena da narrativa é montada, foram atravessados de maneira suave por qualquer um dos grandes empregadores da mão de obra manufatureira. Seus sofrimentos não são menos severos porque a pior parte deles é de uma espécie em que seus dependentes não podem entrar imediatamente. E a razão simples - a explicação que se encontra na superfície - por que eles não sofrem tão severamente e tão obviamente como os operários é, que eles, nos dias de prosperidade, haviam guardado uma parte de seus ganhos, o que os operários não haviam feito; e que, portanto, quando os lucros cessaram e as perdas assumiram seu lugar - uma mudança que precede em muito a redução dos salários ou a queda do emprego - eles puderam subsistir com suas economias anteriores, enquanto os operários imprudentes não tinham economias às quais recorrer. Como nunca ocorreu à autora, ou ao seu herói, que se o Sr. Carson (que é representado como tendo ascendido da classe operária) não houvesse pensado em economizar assim como John Barton, que tanto o injustiçou e invejou sua condição, teria seus sofrimentos, quando o período de angústia chegasse, exatamente iguais? **Foi, na verdade, porque um foi prudente e previdente, e o outro confiante e descuidado - porque um se ocupou com o trabalho, enquanto o outro se ocupou com sindicatos e política, que suas posições, quando o mau dia chegou, igualmente para ambos, eram tão estranhamente contrastantes** (GREG, 1849, p. 414-415, grifos meus, tradução minha).<sup>24</sup>

Aqui, aparece novamente a ideia de que a moderação e a preocupação com o futuro seriam a única diferença entre o sucesso e o fracasso financeiro. Greg afirma que os mestres sofrem mais com as crises do que os próprios operários, porque os reveses e estagnações do comércio afetariam principalmente eles mesmos; nesse sentido, a única razão pela qual o sofrimento dos patrões não seria tão severo e explícito quanto o dos trabalhadores é o fato de que os patrões, nos tempos de prosperidade, pouparam seus ganhos - ao contrário de seus empregados. O resenhista utiliza como exemplo de seu ponto de vista dois personagens do próprio romance - o industrial Mr. Carson e John Barton. Carson teria começado “de baixo”, também como operário; o que explicaria seu sucesso financeiro seria sua prudência, o que o fez se ocupar exclusivamente com seu trabalho, economizar seus ganhos e investi-los corretamente.

---

<sup>24</sup> “It is not true that such periods as 1842, when the scene of the narrative is laid, pass lightly over any of the great employers of manufacturing labour. Their sufferings are not the less severe because the worst part of them are of a kind into which their dependents cannot at once enter. And the simple reason—the explanation which lies upon the surface — why they do not suffer as severely and as obviously as the operatives is, that they, in the days of prosperity, had laid by a portion of their earnings, and that the operatives had not ; and that, therefore, when profits ceased and losses took their place— a change which long precedes the reduction of wages or the cessation of employment —they could subsist out of their previous savings, while the improvident operatives had no savings to fall back upon. How came it never to occur to the authoress, or to her hero, that had Mr. Carson (who is represented as having raised himself from the operative class) thought as little of saving as John Barton, who so envied and so wronged him, their condition and their sufferings, when the period of distress arrived, would have been precisely equal ? It was, in truth, because the one had been prudent and foreseeing, and the other confident and careless—because the one had busied himself about his work, while the other had busied himself about unions and politics, that their positions, when the evil day came, which came alike to both, were so strangely contrasted.”

Já Barton, não tendo feito o mesmo e preferindo “ocupar-se com sindicatos e política”, amarga dificuldades quando crises se instalam.

De acordo com o historiador Rohan McWilliam, o liberalismo vitoriano possui como aspectos fundamentais a valorização da noção de independência - que, conseqüentemente, caracterizou como principal inimigo a interferência estatal em intensidade demasiada. Nesse sentido, os liberais atribuíam maior importância à criação de caminhos para que o indivíduo - caso se esforçasse o suficiente -, pudesse conquistar o sucesso; para tanto, se fazia necessário remover os obstáculos impostos pelo Estado, na forma de, por exemplo, impostos supérfluos, em prol de uma economia de livre mercado. O paternalismo, visto com maus olhos, era associado ao partido Tory; todavia, o liberalismo permitia algumas formas de ação relacionadas à reforma social, como, por exemplo, a oferta de educação como uma estratégia em prol do interesse da sociedade como um todo (MCWILLIAM, 2012, p. 367-368).

As ideias liberais haviam sido uma base essencial para a criação da *Edinburgh Review*, em 1802. De acordo com Diana Cooper-Richet, o periódico, embora não possa ser classificado como um órgão de partido político, exerce uma defesa concreta do ideário de intelectuais como Adam Smith, John Locke e Jeremy Bentham, todos liberais. Os que colaboravam com material para a revista e participavam de sua administração eram classificados como *philosophical radicals*, que acreditavam na livre consciência individual em todas as esferas e na extensão da ideia de autoridade para toda a sociedade a partir de reformas políticas e sociais bem estruturadas (COOPER-RICHET, 2006, p. 417). Sendo assim, o próprio local de publicação da resenha – conhecido na época como um importante veículo do ideário liberal - dialogava com os argumentos nela expostos.

O maior objeto de crítica de Greg relaciona-se justamente com as noções de independência e individualidade liberais. Em sua resenha, o principal ponto negativo de *Mary Barton* é definido como uma defesa da ideia de que os mais pobres devem se voltar para os mais abastados para melhorar sua situação:

**É difícil conceber uma impressão mais totalmente errônea, mais culpada e superficial, mais dolorosamente perniciosa. Ela atinge a raiz de toda melhoria social. É um eco irrefletido das declamações virulentas que soam diariamente aos ouvidos dos artesãos através de seus piores inimigos. Pois quem são os homens que assim habitualmente trabalham para persuadir os operários a colocar o fardo de seus próprios pecados e loucuras nas portas de seus empregadores? Nunca os realmente angustiados - nunca aqueles que lutaram virilmente contra a miséria e lutaram em vão; mas, de maneira geral, aqueles que jogaram fora empregos lucrativos, porque preferiram viajar e discursar a um trabalho constante e honesto; - ou aqueles cuja conduta dissoluta e turbulenta ocasionou sua demissão, e os tornou homens marcados e desonrados em todo o negócio; ou aqueles que (como alguns já**

citados) vão gastar em cartas ou apostas, em uma única noite, a renda de muitas semanas (GREG, 1849, p. 419-420, grifos meus, tradução minha).<sup>25</sup>

Neste trecho, temos as mais intensas expressões de indignação por parte de Greg contidas na resenha. Tal percepção, descrita como “errônea” e “rasa”, seria a responsável por prejudicar quaisquer tentativas de avanço social; além disso, seria resultado de “virulentas declamações diárias” feitas pelos seus “piores inimigos” - descritos como pessoas que ou não entendem realmente o que é enfrentar um contexto de dificuldades, ou aqueles que jogaram fora seu trabalho honesto por preferir uma vida desregrada, terem uma conduta turbulenta ou serem viciados em jogo. Esta descrição parece ser uma tentativa de desmoralizar aqueles trabalhadores envolvidos com sindicatos ou organizações operárias que, como já abordado anteriormente, eram percebidos de maneira negativa por Greg.

Na página seguinte, o resenhista também ataca a imprensa, membros do Parlamento e outras obras de conteúdo semelhante ao do romance:

A desesperada ilusão de que os males da sociedade devem ser remediados de fora, não de dentro, de que as pessoas devem ser partes passivas, - e não os principais, quase os únicos, agentes, - de sua própria reabilitação, encontra-se com uma aprovação demasiado generalizada em locais onde uma sabedoria mais sólida poderia ter sido buscada. A linguagem sustentada sobre esse assunto no parlamento, pela imprensa periódica e em trabalhos como este diante de nós foi longe para confirmar suas noções de seu próprio desamparo e, assim, perpetuar sua decadência; e, ao fazê-lo, infligiu um grau de dano à classe trabalhadora, o qual, se for perseverado, todos os esforços benevolentes feitos para aliviá-los devem se mostrar totalmente impotentes para compensá-lo. (GREG, 1849, p. 421)<sup>26</sup>

Para o autor, tais agentes também tiveram grande responsabilidade na divulgação de tal ideia. Greg afirma que os dois primeiros locais não deveriam tê-la recebido com tanto apoio, pois uma sabedoria maior deveria ter sido empregada. Sua atitude teria colaborado para

---

<sup>25</sup> “An impression more utterly erroneous, more culpably shallow, more amentably mischievous, it is difficult to conceive. It strikes at the root of all social improvement. It is a thoughtless echo of the virulent declamations daily sounded in the ears of the artisans by the worst of their intestine enemies. For who are the men who thus habitually labour to persuade the operatives to lay the burden of their own sins and follies at the door of their employers? Never the really distressed—never those who have struggled manfully against destitution, and have struggled in vain; but very generally those who have thrown up lucrative employment, because they preferred travelling and haranguing to steady and honest toil ; — or those whose dissolute and turbulent conduct has occasioned their dismissal, and rendered them marked and dishonoured men throughout the trade; or those who (like some we have already mentioned) will spend n cardplaying or betting, in a single night, the income of many weeks.”

<sup>26</sup> “The desperate delusion that the evils of society are to be remedied from *without*, not from *within*, that the people are to be passive parties,—and not the principal, almost the sole, agents,—in their own rehabilitation, has met with far too general countenance in quarters where sounder wisdom might have been looked for. The language held on this subject in parliament, by the periodical press, and in such works as this before us, has gone far to confirm their notions of their own helplessness, and thus perpetuate their supineness ; and, by so doing, has inflicted a degree of mischief on the labouring class, which, if it be persevered in, all the benevolent exertions made to relieve them must prove utterly powerless to countervail.”

confirmar, entre os pobres, a noção de que eles estão desamparados, sozinhos, e que devem recorrer aos mais abastados - e não a eles mesmos - para solucionar tal situação.

Estas referências podem ser vistas como uma alusão aos debates que povoavam o contexto político da época - sendo a aprovação da New Poor Law, em 1834, um dos eventos de maior relevância. De acordo com a lei, pessoas que pudessem comprovar sua incapacidade de sustentar a si próprias (bem como a ausência de alternativas que os auxiliassem, como o apoio da família e de conhecidos) poderiam receber auxílio - em contrapartida, deveriam trabalhar por uma determinada quantidade de horas em instituições de caridade. Dessa forma, a New Poor Law teria como principais objetivos o incentivo ao trabalho e à iniciativa individual para o sustento dos mais pobres, bem como a sua moralização segundo os preceitos da classe média e da burguesia da época; dessa forma, atuava como uma espécie de divisor social, separando os mais pobres em “respeitáveis” e “não respeitáveis” - uma vez que não se estendia a indivíduos considerados imorais, tais como prostitutas e alcoólatras, e submetia seus “contemplados” a regras severas de conduta, fervorosamente vigiadas pelos órgãos responsáveis. (ALVES, 2015, p. 53; BESLEY et. al, 2004)

Segundo McWilliam, a base da argumentação política durante a Era Vitoriana havia sido desenvolvida como uma forma de reagir às revoluções americana e francesa. Tais eventos haviam trazido novos pontos para a discussão política, tais como o escopo da tributação, a legitimidade das elites, a natureza da cidadania e a natureza da democracia, entre outros. Por esta razão, a ideia de "reforma" se tornou central na Inglaterra a partir da década de 1780, se consolidando no século seguinte. (MCWILLIAM, 2012, p. 368).

McWilliam traça brevemente um panorama do Estado britânico durante o século XVIII, definido pelo autor como detentor de um “enorme aparato de arrecadação de impostos” para o financiamento dos diversos conflitos militares (como, por exemplo, a guerra de independência dos Estados Unidos, finalizada em 1766, e as guerras napoleônicas, de 1803 a 1815). Dessa maneira, a política após 1815 se concentrou nas possíveis maneiras de lidar com tamanho aparato, sendo as propostas do liberalismo - mais notadamente, o *laissez faire* - uma delas; seus principais pontos de discussão eram a necessidade de corte de gastos e na “libertação” do mercado da interferência governamental. Exemplo disto é o fato do combate às Corn Laws ter se tornado a mais importante causa econômica dos liberais do começo do século XIX (MCWILLIAM, 2012, p. 368); vale lembrar aqui que, como mencionado no capítulo anterior, o próprio William R. Greg manifestou sua oposição a esta lei em um ensaio premiado pela Anti-Corn Law League.



Os preceitos liberais e a ideia de “reforma” se unem, em especial, durante a década de 1830, quando os efeitos da expansão da população britânica começaram a se manifestar: as condições de trabalho dos operários, a insalubridade das vilas, os diversos problemas de saúde e a necessidade de se lidar com “aqueles que não trabalham” foram debatidos incessantemente a partir de então. Como consequência, surgiram medidas e leis específicas para a solução destas questões, como a já mencionada New Poor Law (1832) e a criação de aparatos estatais para a gestão destes problemas, como Royal Commissions<sup>27</sup> and Blue Books<sup>28</sup>.

Neste contexto, ocorre também uma expansão da atividade da imprensa. Sua ampliação tornou possível que as discussões fossem divulgadas: discursos de políticos como William Gladstone, Lord Palmerston (ambos do partido Whig) e Benjamin Disraeli (do partido Tory), por exemplo, eram reproduzidos de forma literal. De acordo com McWilliam, isso possibilitou que o público acompanhasse as posições e as falas dos políticos envolvidos nos debates, o que, por sua vez, colaborou na definição do que era política para um público massificado - uma “política de personalidade”, como define o autor (MCWILLIAM. 2012, p. 369). A partir disto, pode-se compreender melhor a crítica de Greg à imprensa e a determinados políticos; com a expansão da imprensa, linhas de pensamento opostas ao ideário liberal possuíam um espaço de transmissão de seus pontos de vista - que, com a amplitude de divulgação possibilitada pelos meios de comunicação, poderiam alcançar indivíduos que eram simpáticos ou opositores a eles.

Em sua resenha, Greg se insere no debate sobre a situação dos mais pobres propondo, como solução para o problema desta parcela da população, a adoção de uma doutrina de vida mais firme e austera.

A pura verdade não pode ser falada com demasiada ousadia, nem repetida com demasiada frequência: as classes trabalhadoras, e somente elas, podem elevar sua própria condição; só por si mesmos devem procurar sua elevação na escala social; seu próprio intelecto e suas próprias virtudes devem operar sua salvação; seu destino e seu futuro estão em suas próprias mãos - e somente nelas. [...] Não é de salários mais altos, nem de um emprego mais invariável que nossos trabalhadores precisamos. Do jeito que estão, eles são mais bem pagos do que muitos escriturários, muitos professores, muitos padres. Mas, com seus hábitos atuais, o dobro de seus ganhos atuais não consertaria sua posição. A necessidade é moral, não material; - uma educação melhor, para dar gostos mais puros e objetivos mais elevados, - força e bom senso para resistir à tentação presente, - a coragem para diferir de seus companheiros e seguir inflexivelmente o caminho escolhido. Com essas qualidades, eles não teriam necessidade de recorrer aos ricos ou ao Legislativo para ajudá-los (GREG, 1849, p. 420-421, tradução minha).<sup>29</sup>

<sup>27</sup>Comissão voltada para a realização de investigações públicas formais sobre uma questão ou problema específicos.

<sup>28</sup>Obra - com um ou mais volumes - contendo compilações de informações básicas ou estatísticas.

<sup>29</sup>“The plain truth cannot be too boldly spoken, nor too frequently repeated : the working classes, and they only, can raise their own condition; to themselves alone must they look for their elevation in the social scale ; their own intellect and their own virtues must work out their salvation ; their fate and their future are in their own hands,—

O trecho manifesta uma combinação dos ideários do liberalismo e do Unitarismo: a afirmação de que o indivíduo apenas deve depender de si mesmo para ascender socialmente, em conjunto com a noção de que há a necessidade de um desenvolvimento moral da classe trabalhadora - e que este desenvolvimento deve ser estimulado através da educação.

Durante o período vitoriano, o liberalismo e as ideias de religiões protestantes mesclavam-se no pensamento da classe média e da burguesia. Talvez o maior exemplo disto esteja na prática do voluntariado. De acordo com o pesquisador Alex Tyrell, a atividade de instituições voltadas para este fim se intensificaram durante o século XIX, embora suas origens datem de fins do século XVII; o autor afirma que estes primeiros grupos estavam, neste momento inicial, identificados com a expressão “marcha da mente” - ligada à percepção de que a humanidade (e em especial o Reino Unido) encaminhavam-se para o progresso (TYRELL, 2012, p. 347). Tal ideário era bastante influenciado pelo Iluminismo; o trabalho de Adam Smith, especialmente a *Riqueza das Nações*, possuía especial relevância na prática da atividade voluntária - mesmo que o foco de sua obra estivesse no âmbito econômico. Smith apresentou a possibilidade de um sistema governamental diferente, sem interferência governamental em situações não-pontuais; a intervenção pública seria necessária em apenas poucos aspectos, como a ampliação do sistema de ensino, por exemplo, com a adição de pequenas escolas em paróquias (TYRELL, 2012, p. 348).

Além destas ideias iluministas, outras, fundamentadas na religião, permeavam o pensamento do voluntário vitoriano. Segundo Tyrell, o renascimento religioso do século XIX, baseado principalmente na descriminalização de correntes teológicas protestantes divergentes do Anglicanismo, foi responsável pela introdução de uma nova percepção - a de “cristão renascido”, que busca o auto aperfeiçoamento através do fundamentalismo bíblico, do puritanismo e da intensa ênfase na moralidade. Estes aspectos tiveram influência nas sociedades voluntárias, entre as quais várias eram organizadas por integrantes destas correntes teológicas; nesse sentido, se buscava a redenção da nação através de campanhas moralizantes, da divulgação da Bíblia através de escolas dominicais, sociedades de estudo e de temperança, missões e projetos. (TYRELL, 2012, p. 349)

---

and in theirs alone.[...] It is not higher wages, nor more unvarying employment that our artisans need. As it is, they are more highly paid than many clerks, many schoolmasters, many curates. But, with their present habits, twice their present earnings would not mend their position. The want is moral, not material ;—a better education, to give purer tastes and higher aims, — strength and sense to withstand present temptation,—the courage to differ from their associates, and to pursue unflinchingly their chosen course. With these qualities, they would have no need to call on the rich or on the legislature to assist them.”

Tyrell afirma que a noção de que a classe média tinha a missão de “civilizar a multidão” foi a maior motivadora das sociedades de caridade vitorianas. Sob esta ideia, religiosos e liberais uniram-se para atingir metas em comum:

[...] Desanimados com a irreligião que se alardeava ao seu redor e horrorizados com os passatempos tradicionais, como luta de touros, briga de galos e pugilismo, os evangélicos fundaram missões urbanas e sociedades de aprimoramento moral para atingir as massas. A eles se juntaram os defensores da economia liberal que temiam as consequências de deixar os trabalhadores pobres por conta própria. À medida que a velha sociedade de classes foi substituída pela sociedade de classes de uma nação cada vez mais urbanizada e industrializada, onde o *laissez-faire* era o *leitmotif*, os voluntaristas da classe média trabalharam para criar uma classe trabalhadora típica ideal que fosse adequada à sociedade e economia emergentes (TYRELL, 2012, p. 354-355, tradução minha).<sup>30</sup>

Esta ideia de “missão civilizadora”, como vimos, permitiria uma mescla entre as ideias religiosas e iluministas anteriormente apresentadas. Dessa forma, esta fusão gerou um conceito de independência pessoal permeado por intensos valores religiosos e morais. A afirmação de Greg de que a fraqueza moral seria uma constante entre os trabalhadores reflete esta percepção.

A característica peculiar no caráter dos operários manufatureiros, que, ao lado de seus hábitos descuidados e perdulários, causou-lhes muito sofrimento e que, quando consideramos seu futuro imediato, nos entristeceu às vezes quase ao desânimo, **é sua falta de coragem moral, de vontade individual resolvida. Ninguém, que não tenha sido um observador atento deles, pode ter uma concepção do caso em que são levados a agir, não apenas contra seus próprios interesses, mas contra sua própria vontade, por qualquer pessoa de sua própria classe que opte por assumir o direito de dar ordens.** [...] Chegaram ao nosso conhecimento casos em que toda uma classe de operários de fábrica entrou em greve, simplesmente porque um ou dois indivíduos descontentes lhes disseram para fazê-lo, embora a grande maioria obedecesse com a maior relutância, e embora a consequência certa fosse o sofrimento severo. [...] A ideia de resistência a uma ordem emanada de um deles, ou de uma comissão sindical, formada (embora não saibam e nem perguntem como) fora do próprio corpo, parece nunca lhes ocorrer. **Eles não têm força de vontade. A minoria - muitas vezes uma minoria muito pequena, desconhecida e invisível - comanda o todo. A maioria das greves, na verdade, é o ato de poucos contra a vontade de muitos. Esta não-resistência surge em parte da falta de caráter individual entre os operários, - ‘eles não gostam (dizem) de não fazer como’ os outros fazem;** [...] Essa incapacidade de resistir aos maus conselhos, essa facilidade fatal de temperamento, é a mais séria em nossa avaliação, porque não vemos como isso pode ser curado. Isto inquestionavelmente significa um baixo grau de cultura intelectual; mas é ao mesmo tempo uma fraqueza que essas classes compartilham com muitos muito acima delas em posição social e vantagens educacionais. A simples instrução não confere força de vontade e coragem para a ação individual- [...] (GREG, 1849, p. 423, grifos meus, tradução minha)<sup>31</sup>

<sup>30</sup> “[...] Dismayed by the irreligion that vaunted itself around them and appalled by traditional pastimes such as bull-baiting, cockfighting and pugilism, evangelicals founded city missions and moral improvement societies to reach out to the masses. They were joined by advocates of liberal economics who feared for the consequences of leaving the labouring poor to their own devices. As the old society of ranks was replaced by the class society of an increasingly urbanised and industrialised nation where *laissez-faire* was the *leitmotif*, middle-class voluntarists worked to create an ideal typical working class that would be suited to the emerging society and economy.”

<sup>31</sup> “The peculiar feature in the character of the manufacturing operatives, which, next to their careless and spendthrift habits, has wrought them most suffering, and which, when we regard their immediate future, has

Embora o trecho destacado seja bastante extenso, consideramos importante trazê-lo em sua totalidade para que possamos evidenciar o tipo de argumento presente no modo de pensar de Greg. No texto, ecoa a ideia de que os trabalhadores estariam sendo influenciados por “agentes externos”, que os levariam a se revoltar contra os patrões e a questionar a ordem estabelecida. É importante destacar que Greg considera que essa atitude se deve a esta pretensa “fraqueza moral”; em nenhum momento o resenhista parece considerar que os operários participam de greves e outros atos de resistência porque o querem, e não porque estão sendo manipulados pelos sindicatos a fazê-lo. Para se justificar, o autor se baseia em “ocorrências que chegaram ao nosso conhecimento”; porém, ele não faz referência a nomes, locais ou ocasiões que possam sustentar esta afirmação. Novamente, aqui, podemos utilizar a ideia de comunidades cognoscíveis de Williams como base para a compreensão das percepções do resenhista - afinal, o que pode ser conhecido depende do indivíduo que observa a realidade e de qual ponto de vista tal indivíduo a observa. Dessa forma, o que Greg conhece está intrinsecamente relacionado com a posição social que ocupa, responsável em grande parte por moldar sua percepção.

A descrição que Greg faz sobre os trabalhadores os caracteriza como uma massa sem pensamento próprio, facilmente manipulável. Este ponto de vista, porém, não é uma novidade da Era Vitoriana. De acordo com George Rudé, desde o século XVII se costumava classificar aqueles que participavam de movimentos de agitação popular como “bandidos”; para o autor, os principais responsáveis por esta forma de encarar a multidão teriam sido os intelectuais Hippolyte Taine e Edmund Burke que, no fim do século XVIII, categorizaram as camadas populares que participaram da Revolução Francesa como “ralé”, “canalhas” e “rebotalho da

---

saddened us at times almost to despondency, is their want of moral courage, of resolute individual will. No one, who has not been a close observer of them, can have a conception of the case with they are led to act, not only against their own interests, but against their own wishes, by any person of their own class who chooses to assume the right of giving orders. [...] Instances have come to our knowledge where a whole class of factory operatives have struck work in a body, simply because one or two discontented individuals of their own number told them to do so, —although the vast majority obeyed with the greatest unwillingness, and though the certain consequences were severe suffering. [...] The idea of resistance to an order emanating from one of themselves, or from a union committee, formed (though they know not and inquire not how) out of their own body, seems never to occur to them. They have no power of will. The minority—often a very small, unknown, and invisible minority—commands the whole. Most strikes, in fact, are the act of the few against the wishes of the many. This non-resistance arises in part from the want of individual character among the operatives,—‘ they don’t like (they say) not to do as ‘ the others do; [...] This inability to resist evil counsel, this fatal facility of temper, Is the more serious in our estimation, because we do not see how it is to be cured. It is unquestionably significant of a low degree of intellectual culture ; but it is at the same time a weakness which these classes share with many far above them in social rank and educational advantages. Mere instruction does not confer strength of will and courage for individual action- [...]”

sociedade”, entre vários outros termos pejorativos. (RUDÉ, 1991, p. 6-7) A influência de Burke e Taine na percepção da multidão pelas elites teria sido enorme:

[...] a tradição iniciada por Burke e Taine teve seus ecos mais recentes em rótulos gerais e semelhantes atribuídos aos [...] destruidores de máquinas e aos grevistas, denominados de “elementos criminosos”, “a escória da população” ou, mais usualmente, apenas a “ralé”. E a “ralé” em questão, não tendo idéias nem impulsos honrosos próprios, pode ser apresentada como o instrumento “passivo” de agentes de fora - “demagogos” ou “estrangeiros” - e como sendo motivada pelo desejo de saque, lucro, bebida grátis, desejo de derramar sangue ou, simplesmente, pela necessidade de satisfazer um instinto criminoso latente (RUDÉ, 1991, p. 7).

Assim, essas percepções teriam iniciado uma “tradição” intelectual em descrever os participantes desses movimentos populares, estendendo essa descrição (elaborada originalmente em um contexto anterior ao do desenvolvimento da indústria) para períodos nos quais a indústria já havia começado a se desenvolver. Como vimos, a representação da multidão como uma “escória” que é incapaz de pensar por si mesma e, por isso, é suscetível à manipulação de agentes externos é algo que guia a percepção de Greg a respeito da classe trabalhadora; porém, segundo Rudé, esta caracterização era algo completamente distante da realidade. O autor aponta que as “perturbações” da nova sociedade industrial eram caracterizadas justamente por serem possuidoras de objetivos mais organizados e racionais, sendo compostas principalmente por trabalhadores assalariados ou das indústrias (RUDÉ, 1991, p. 3).

Outro ponto do romance, apresentado por Greg como negativo, é a impressão, caracterizada pelo autor como errônea, de que os mais ricos não se importariam com o sofrimento dos mais pobres. De fato, esta seria a “segunda falha” identificada por Greg no romance - a primeira, como dissemos, foi a caracterização do personagem John Barton.

Seria impossível para qualquer um que lê 'Mary Barton', e tira dali sua opinião sobre as relações entre ricos e pobres nas cidades manufatureiras, sem chegar à conclusão (mesmo que não claramente afirmado, como na página 130 do primeiro volume, e em outros lugares), que existe toda uma necessidade de sentimento gentil entre eles [os empregados], - que os sofrimentos dos operários são totalmente desconsiderados por seus empregadores, e que nenhum esforço é feito para ajudá-los, mesmo em tempos de pressões mais severas. Ora, qualquer pessoa que conheça os distritos em questão nos confirmará, quando afirmamos que nenhuma representação pode estar mais distante da verdade. **A escritora ignora, como se desconhecesse - e esperamos que sim - toda uma classe de fatos, dos quais, entretanto, dificilmente seria possível que estivesse totalmente desinformada.** Pois é notório que em nenhuma cidade existem instituições de caridade mais bem organizadas ou mais eficientes do que em Manchester. Além das instituições médicas usuais, enfermarias, dispensários, hospitais oftalmológicos, hospitais de repouso, etc., - que são extraordinariamente numerosos e acessíveis - há uma sociedade visitante distrital (e está em operação há muitos anos) que tornaria a existência desconhecida e incessante

de tal sofrimento, como é descrito no caso dos Davenports, quase impossível (GREG, 1849, p. 425, grifos meus, tradução minha).<sup>32</sup>

De acordo com o resenhista, qualquer pessoa que baseasse suas opiniões sobre as relações entre ricos e pobres nas cidades industriais na leitura de *Mary Barton* teria sua percepção distorcida, de forma a acreditar que os trabalhadores têm sua situação ignorada pelos patrões. O autor é rápido em afirmar que esta situação não é verdadeira, mencionando, com o objetivo de exemplificar seu ponto de vista, a existência de numerosas instituições de caridade e espaços voltados à saúde do trabalhador; porém, novamente, não especifica nomes e nem números. Neste caso, a preocupação de Greg parece estar atrelada à ideia do romance como estimulante de uma empatia “exagerada” e possivelmente prejudicial, abordada anteriormente; dessa forma, sua listagem de instituições e locais destinados ao bem-estar do trabalhador pode ser encarada como uma tentativa de contrapor o exposto em *Mary Barton*, amenizando, assim, o que Gaskell teria feito, ainda que sem intenção - o incentivo a uma visão desvirtuada e a preconceitos em relação aos patrões, principalmente.

Greg expõe o que ele considera ser a ideia principal do livro apenas nas páginas finais de sua resenha - a disputa entre capital e trabalho, bem como um possível ressentimento do trabalhador em ver seu patrão ascender economicamente enquanto ele luta para sobreviver. Este ponto de vista se encaixa no que seria o segundo ponto negativo do romance, como exposto pelo autor: a ideia de que a animosidade é um elemento comum e recorrente entre os trabalhadores. Segundo Greg: “Diz-se que ele está enojado e enfurecido com aquela divisão desigual dos lucros de seus esforços combinados, na qual só ele pode encontrar a explicação para essa diferença irritante em sua sorte”. (GREG, 1849, p. 426)

Os trechos finais da resenha consistem em uma reafirmação dos aspectos apresentados ao longo do texto. Os méritos do romance são, novamente, indicados - com uma

---

<sup>32</sup> “It would be impossible for any one to read ‘Mary Barton,’ and take from it his opinion of the relations between rich and poor in the manufacturing towns, without coming to the conclusion (even if it were not distinctly asserted, as at page 130. of the first volume, and elsewhere,) that there exists an entire want of kindly feeling between them,—that the sufferings of the operatives are entirely disregarded by their employers, and that no effort is made to relieve them, even in times of the severest pressure. Now every one acquainted with the districts in question will bear us out, when we affirm that no representation can be further from the truth. The writer sinks, as if ignorant of them—and we hope she is—a whole class of facts, of which, however, it is scarcely possible that she should have been totally uninformed. For it is notorious, that in no town are there better organised or more efficient charities than in Manchester. Besides the usual medical institutions, infirmaries, dispensaries, eye-hospitals, lying-in-hospitals, etc., —which are unusually numerous and accessible—there is a district visiting society (and it has been in operation many years) which would render the unknown and unrelieved existence of such distress, as is described in the case of the Davenports, almost impossible.”

“recomendação” de Greg sobre o que ele poderia ter sido, caso Gaskell houvesse seguido os caminhos por ele apontados:

Não cedemos a ninguém em uma apreciação sincera de, na verdade, um sentimento de solidariedade com os trabalhadores em cada país e de cada denominação; mas mostraríamos essa simpatia - não em pranto ocioso por tristezas que são comuns a todas as classes, nem em pranto por angústias para as quais, como para todos os males humanos, há uma compensação e uma cura, mas - chamando todos os nossos trabalhadores para preparar suas almas para uma resistência mais forte e para um esforço mais árduo; exortando-os a levarem consigo em todas as provações, como espada e escudo, a firme fé de que eles, e nenhum outro homem, devem fazer seu próprio trabalho; que as bênçãos de conforto, independência e segurança não devem ser mendicadas dos outros, mas alcançadas por si mesmas; que essas bênçãos inestimáveis são as recompensas prometidas e seguras da diligência constante, da frugalidade resoluta, da reflexão que olha para o antes e depois (GREG, 1849, p. 434-435, tradução minha).<sup>33</sup>

No fechamento do texto, Greg reitera que, ao contrário da impressão que *Mary Barton* possa transmitir ao leitor menos informado, os padrões possuem, sim, simpatia em relação aos seus empregados. Todavia, essa simpatia demonstra-se não com o emprego de uma caridade irrestrita ou com a lamentação de suas dificuldades; ao contrário, segundo Greg, ela se manifesta através do estímulo à iniciativa individual, ao trabalho e à frugalidade.

Este trecho final é representativo do conteúdo geral da crítica que, por sua vez, expõe aquilo que era cognoscível para Greg naquele momento - ou seja, aquilo que ele era capaz de ver -, considerando principalmente a posição social por ele ocupada, mas, também, sua formação intelectual e sua atuação no campo literário inglês. Suas percepções são calcadas no liberalismo, que influenciou fortemente o pensamento vitoriano e tinha na *Edinburgh Review*, por exemplo, um de seus principais meios de transmissão e divulgação. Esta percepção, porém, abre margem para outros questionamentos: como Gaskell, que possuía origens semelhantes às de Greg e ocupava uma posição social também parecida com a do resenhista, expressou uma percepção diferente da dele em *Mary Barton*?

Uma possível resposta está na reflexão a respeito do que Gaskell era *capaz de ver*, ou seja, do que era *cognoscível* para ela. Sua percepção de mundo, assim, continha outros elementos influenciadores com os quais Greg não podia contar, tais como a natureza de seu

---

<sup>33</sup> “We yield to none in a hearty appreciation of, indeed a fellow-feeling with, the *workers* in every country and of every denomination; but we would show that sympathy—not in idly mourning over sorrows which are common to all ranks, nor in weeping at distresses for which, as for all human evils, there is a compensation and a cure, but —by calling on all our fellow-labourers to brace up their souls for sterner endurance and for hardier exertion ; by exhorting them to carry with them through all trials, as their sword and shield, the settled faith that they, and no man else, must do their own work ; that the blessings of comfort, independence, and security are not to be mendicated from others, but to be achieved for themselves ; that these inestimable blessings are the promised and the sure rewards of steady industry, of resolute frugality, of reflection that looks before and after.”

trabalho e convívio com os trabalhadores de Manchester – marcada pelo tom filantrópico -, além de seu gênero e de sua posição social. Este último ponto será melhor analisado no capítulo que se segue.



#### 4. “The universality of some kind of suffering”: a resposta de Elizabeth Gaskell

Na resenha de Greg, a ausência de críticas diretas ao fato de *Mary Barton* ter sido supostamente escrito por uma mulher - considerando que, à época em que o romance foi publicado, não havia indicativo de sua autoria - pode chamar a atenção do leitor, em um primeiro momento. O texto não contém nenhuma diminuição explícita das habilidades intelectuais de Gaskell que seja motivada por seu gênero; a obra como um todo não aparenta ser desmerecida por este motivo. Todavia, uma análise mais cuidadosa da fonte revela elementos que podem ser percebidos como referências a uma percepção crítica motivada pelo gênero de sua autora: os principais deles podem ser a classificação do romance como “um trabalho de amor” (GREG, 1849, p. 403) e a recorrente, porém sempre sutil, indicação de que a autora seria ingênua demais para perceber o “mal” por ela provocado ao retratar a classe operária da maneira que o havia feito.

A resenha de Greg, embora não faça referência direta à autoria feminina do romance, pode também ser uma fonte para a história das mulheres - embora de modo indiciário, como podemos extrair do seguinte trecho, escrito por Michelle Perrot:

O volume e a natureza das fontes das mulheres e sobre as mulheres variam conseqüentemente ao longo do tempo. Eles são por si mesmos índices de sua presença e sinal de uma tomada da palavra que se amplia e faz recuar o silêncio, às vezes tão intenso que chegamos a nos perguntar: "Uma história das mulheres seria possível?" O que implica em um outro uso das fontes que se deve buscar, ler diferentemente, suscitar até mesmo para os períodos recentes, como a história chamada de "oral" tentou fazer. (PERROT, 2005, p. 13-14)

Dessa maneira, a análise de fontes referentes a mulheres (ou desenvolvidas por elas) requer uma profundidade e cuidados diferenciados, considerando a existência das sutilezas que envolvem sua elaboração. É preciso, como diz Thompson, expô-las à uma “luz satânica” e lê-las “às avessas” (THOMPSON, 1987, v1, p. 60) - ou seja, apreender o que não está exposto à primeira vista, levando em conta as subjetividades nelas contidas. Este movimento se faz fundamentalmente importante para o estudo de questões de gênero, ainda permeadas por silêncios e ausências.

Este contexto “silencioso” pode ser explicado, em boa medida, pela noção das “esferas separadas” - na qual a atuação pública é dedicada ao homem, devido à sua associação à inteligência e ao pensamento racional; enquanto isso, a mulher permanece no âmbito privado, associado ao sentimento, à sensibilidade e ao coração - mas também à fraqueza, como salienta Michelle Perrot. Porém, como afirma a autora, é importante ter em mente que a divisão da sociedade entre esferas não é algo engessado e escancarado; ela possui grande importância organizacional, mas não a restringe completamente (PERROT, 2005, p. 268-269).

O acesso à literatura e à escrita pode ser percebido como um destes pontos de trânsito da mulher entre o público e o privado. Área de conflitos e alterações, possibilita um espaço de atuação para as mulheres - embora, de certa forma, restrito a formas específicas, como a escrita privada (na modalidade de diários e correspondências, por exemplo), romances (as *novels*) e obras de teor educativo. Mesmo assim, como salienta Perrot, a “mulher autora”, esta ‘pretensa literata’ detestada, atrai para si todos os sarcasmos” (PERROT, 2005, p. 271) - ou, como no caso da resenha de Greg, vinculada ao sentimentalismo e à ingenuidade a respeito do “relevante”, do “público”, ou seja, daqueles âmbitos ligados ao masculino.

Segundo Perrot, as cartas são uma importante fonte para o estudo da história das mulheres devido ao seu caráter mais individualizado, em diálogo com a ideia de que sua presença deveria estar restrita ao privado:

Século de famílias, de armários e de escrita pessoal, o século 19 é um imenso reservatório. Correspondências, diários, autobiografias foram exumadas e analisadas como modo de comunicação e expressão. [...] Muito preciosos para o conhecimento da vida e do coração das mulheres, estes documentos do privado têm limites sociais estreitos, desenhados por um acesso eminentemente variável à escrita. O silêncio é quebrado apenas pelas privilegiadas da cultura. (PERROT, 2005, p. 29-30)

Dessa maneira, o estudo das correspondências possibilita ao historiador o contato com uma parte considerável de produção daquelas mulheres que não participavam da vida pública devido às “restrições” sociais de sua época. Necessário pontuar, todavia, que mesmo a possibilidade apresentada pelas cartas possui seus limites, abrangendo apenas aquelas mulheres privilegiadas com o acesso à escrita.

Outra particularidade da correspondência é o tom singular contido em sua composição. Como Perrot aponta, as cartas, embora sejam elaboradas de acordo com códigos específicos pré-estabelecidos, são menos engessadas do que outros textos que também pretendem ser de caráter mais pessoal - como as memórias, por exemplo; as cartas não seriam resultado de um processo cuidadoso de seleção, expressando mais amplamente, dessa forma, sentimentos íntimos de seu escritor. (PERROT, 2005, p. 45-46)

Todavia, se as cartas abrem ao pesquisador uma nova miríade de oportunidades de estudo, elas também oferecem novos problemas e dificuldades a serem observados. Um dos principais é a fragmentação e destruição do material:

Correspondências familiares de que elas são as escribas habituais, diários íntimos cuja prática é recomendada para as moças por seus confesores, e mais tarde por seus pedagogos, como um meio de controle de si mesmas constituem um abrigo para os escritos das mulheres, cuja imensidão é atestada por todos os fatores. Mas quantas destruições foram realizadas nestes arquivos cujos restos, conservados até hoje, nos sugerem a sua riqueza tanto como o seu interesse enfim reconhecido!

Estas destruições vêm dos acasos das sucessões e das mudanças de casa, de um gosto pelo secreto que cimenta a intriga familiar, mas também da indiferença de descendentes embaraçados pelos legados de seus predecessores que causam tanto estorvo: indiferença agravada pelo caráter subalterno dado a estes escritos das mulheres. (PERROT, 2005, p. 35-36)

A produção epistolar de Gaskell é um exemplo bastante ilustrativo das propostas trazidas por Perrot. Como de costume à sua época, a escritora tinha o hábito de redigir cartas com bastante frequência - para familiares, amigos e conhecidos, além de seus editores. Através deste material, é possível entrar em contato com alguns aspectos que não ficariam claros se compostos em outros momentos; afinal, relembando Perrot, o processo de composição de uma carta permite ao seu redator expressar seus sentimentos com um pouco mais de clareza do que o poderia fazer em outro tipo de documento.

Porém, esta amplitude de possibilidades é prejudicada pelo hábito que Gaskell possuía de destruir suas próprias cartas - e de pedir aos seus destinatários que as destruíssem, em alguns casos. Dessa forma, o pesquisador se encontra impossibilitado de construir conhecimentos mais elaborados a respeito dos pensamentos, sentimentos e opiniões que a autora possuía. Como aponta D'Albertis,

[...] Gaskell impôs discrição não apenas a seus filhos, mas também a seus associados profissionais. Ela implorou ao editor George Smith em 1856, por exemplo, para proteger sua privacidade, criando um elaborado sistema de codificação que sinalizava quais cartas poderiam ser enviadas para o arquivo do editor e quais deveriam ser destruídas: 'por favor, quando eu escrever uma carta começando com um estrela assim em sua frente [desenho de uma estrela], você pode guardar minha carta; caso contrário, *por favor queime-as, e não* as envie para o terrível depósito onde as 20.000 cartas por ano são guardadas. É como um pesadelo pensar nisso' (L, 425). Na tentativa de controlar o acesso às suas cartas, Gaskell resistiu conscientemente ao que ela via como 'o costume impertinente' da crítica biográfica, considerando-a 'uma prática tão censurável e indelicada' que ela alegou não querer ter nada a ver com isso: 'Não vejo por que o público precisa ter mais a ver comigo além de comprar /ou rejeitar/ as mercadorias que eu forneço a eles (D'ALBERTIS, 2007, p. 11-12, tradução minha).<sup>34</sup>

A insistência da escritora em manter a sua própria privacidade - chegando a criar um código de classificação para as cartas que poderiam ser arquivadas e/ou destruídas - sinaliza sua preocupação em manter o controle sobre sua produção escrita particular, planejando mantê-la distante da esfera pública, onde poderia ser alvo de um julgamento "censurável e indelicado"

<sup>34</sup> "[...] Gaskell enjoined not only her children, but also her professional associates to discretion. She implored publisher George Smith in 1856, for instance, to protect her privacy, devising an elaborate system of coding that signaled which letters might be sent to the publisher's archive and which should be destroyed: "please when I write a letter beginning with a star like this on its front [drawing of a star], you may treasure up my letter; otherwise *please burn them, & don't* send them to the terrible warehouse where the 20000 letters a year are kept. It is like a nightmare to think of it" (L, 425). In attempting to control access to her letters, Gaskell consciously resisted what she saw as "the impertinent custom" of biographical criticism, regarding it as "so objectionable & indelicate a practice" that she claimed to want nothing to do with it: "I do not see why the public have any more to do with me than to buy /or reject/ the wares I supply to them".

por parte de terceiros. Esta percepção teria se tornado ainda mais intensa após Gaskell ter publicado *The Life of Charlotte Brontë* em 1857, somente dois anos após o falecimento da biografada; o julgamento presenciado por ela durante o desenvolvimento de seu trabalho pode ter sido o fator essencial para que Gaskell houvesse se tornado hostil à ideia de alguém esmiuçar sua vida particular, ajudando a explicar os esforços conscientes da autora em destruir suas cartas. (D'ALBERTIS, 2007, p. 12-13)

Mesmo colocando em prática este complexo esquema de manutenção de privacidade, centenas de cartas redigidas por Gaskell resistiram à ação do tempo. Em 1966, foi organizado o compilado *The Letters of Mrs. Gaskell*, com cerca de 590 cartas e múltiplos apêndices - notas, poemas e bilhetes, entre outros, pelos pesquisadores J.A.V. Chapple e Arthur Pollard, totalizando 1040 páginas; em 2003, por volta de 300 cartas - com conteúdo integral ou não -, notas, bilhetes e recados foram compilados em outra obra, *Further Letters of Mrs. Gaskell*. Contendo registros biográficos, resumos de locais e regiões mencionados pela autora e até uma breve linha do tempo enumerando fatos e ocorrências, os livros não especificam se, dentre as cartas que trazem, estão algumas daquelas sinalizadas por Gaskell para serem preservadas ou não; porém, mesmo assim, os compilados possibilitam um aprofundado conhecimento a respeito da vida e de opiniões pessoais da autora - ao contrário do que ela própria objetivava.

Uma das possibilidades que as cartas de Gaskell trazem consigo são o estudo das reações da autora diante da recepção de suas obras. Nesse sentido, as cartas podem ser encaradas como uma estratégia de trânsito da autora entre esfera pública e privada; nesse sentido, Gaskell responderia aos efeitos gerados por seus escritos no âmbito público através de um documento de caráter mais íntimo, embora ainda voltado, de certa maneira, para contrapor uma crítica veiculada em público.

Talvez o exemplo mais claro desta estratégia seja a resposta de Gaskell à resenha de William Rathbone Greg analisada no capítulo anterior. No começo de 1849 (não há um registro exato da data, porém estima-se que tenha sido escrita em abril ou maio, após a publicação da resenha na *Edinburgh Review*), a escritora enviou uma carta para a esposa de Greg, Lucy, abordando o assunto.

Sra. Greg

[? início de 1849]

Minha querida Sra. Greg,

Posso escrever na primeira pessoa para você, já que tenho muitas coisas que gostaria de dizer ao escritor das observações sobre 'Mary Barton' que a Srta. Mitchell me enviou e suponho que tenham sido escritas por vosso marido? Essas observações e a nota que a acompanha deram-me um grande e real prazer. Eu ouvi muito sobre a desaprovação que a família do Sr. Greg sentiu em relação a 'M.B.', e ouvi falar disso

com tanto pesar que estou particularmente feliz que o Sr. Sam Greg não a possua (CHAPPLE e POLLARD, 1997, p. 73, tradução minha).<sup>35</sup>

No caso de Gaskell, é interessante constatar a mescla sutil de sua participação nos dois âmbitos. Ao ter seu livro publicado - ou seja, ao se posicionar no ambiente público -, Gaskell se sujeita às críticas por expor seu material. Todavia, a resposta à crítica de Greg não é feita da mesma maneira; ela o é realizada em formato de carta e sequer é direcionada para o responsável pela resenha, mas sim para a esposa deste. Seria difícil afirmar com certeza absoluta as razões para que Gaskell tomasse esta opção; porém, quando se considera a percepção generalizada na sociedade da época de que público e privado estavam relacionados a locais possíveis de atuação separados de acordo com o gênero do indivíduo, sua escolha se torna um tanto mais compreensível.

D’Albertis traz à discussão um ponto que pode colaborar para o entendimento desta questão: de acordo com a pesquisadora, a maioria dos estudos relacionados à vida da autora costuma enfatizar a existência de dois “eus” aparentemente incompatíveis - um público e um privado. Neste ponto de vista, existiria uma Gaskell “autêntica”, escondida (de maneira intencional ou não) atrás do que D’Albertis classifica como um “biombo de respeitabilidade”. (D’ALBERTIS, 2007, p, 14)

Esta percepção dialoga com as noções de esfera pública e privada; porém, se mostra contraditória quando recordamos que Gaskell via a si mesma como alguém composta por várias facetas - múltiplos “eus”, frequentemente conflituosos. Em outra carta, escrita cerca de dois anos após a publicação de *Mary Barton*, a autora desabafa a respeito desta percepção sobre de si mesma:

Uma de minhas eus é, eu acredito, uma verdadeira cristã - (só as pessoas a chamam de socialista e comunista), outra de minhas eus é uma esposa e mãe, e muito satisfeita com o deleite de todos os outros na casa... Agora esse é o meu eu ‘social’, suponho. Então, novamente, tenho outro eu com um grande gosto pela beleza e conveniência que está satisfeito por conta própria. Como vou reconciliar todos esses membros hostis? Tento me afogar (meu primeiro eu), dizendo que é Wm quem deve decidir sobre todas essas coisas, e seu sentimento de estar certo deve ser minha regra. E assim é - só que não é bem assim (L 108 apud D’ALBERTIS, 2007, p. 14, tradução minha).<sup>36</sup>

<sup>35</sup> “Mrs. Greg, / [? early 1849] / My dear Mrs. Greg, / May I write in the first person to you, as I have many things I should like to say to the writer of the remarks on ‘Mary Barton’ which Miss Mitchell has sent me, and which I conjecture were written by our husband? Those remarks and the note which accompanied have given me great and real pleasure. I have heard much about the disapproval which Mr. Greg’s family have felt with regard to ‘M.B., and have heard of it with so much regret that I am particularly glad that Mr. Sam Greg does not participate in it’.”

<sup>36</sup> “One of my mes is, I do believe, a true Christian – (only people call her socialist and communist), another of my mes is a wife and mother, and highly delighted at the delight of everyone else in the house ... Now that’s my “social” self I suppose. Then again I’ve another self with a full taste for beauty and convenience whh is pleased on its own account. How am I to reconcile all these warring members? I try to drown myself (my first self,) by saying it’s Wm who is to decide on all these things, and his feeling it right ought to be my rule. And so it is – only that does not quite do.”

Este trecho apresenta-se como uma aparente contradição ao exposto inicialmente por D'Albertis; porém, quando analisado em conjunto com a resposta de Gaskell à resenha de William Greg, pode colaborar na elaboração de um novo entendimento sobre a autora. O trecho anteriormente mencionado expõe claramente o conflito interno sentido por Gaskell no tocante aos papéis que deveria assumir no privado e no público - esposa e mãe (que *teoricamente* deveria ser o seu “eu” social), cristã, apreciadora do que *é belo*; aparentemente, a solução estaria na submissão ao marido (William é citado na carta; seu nome aparece encurtado como *Wm*), que iria decidir o que Gaskell deveria fazer - mas, como a própria admite, na prática isto não ocorreria plenamente.

Na carta a Lucy Greg, Gaskell busca se justificar em relação aos pontos criticados na resenha. O texto não foi publicado de forma completa, o que dificulta a compreensão dos argumentos da autora em sua totalidade; o material restante, todavia, torna possível entender uma parcela considerável de seu ponto de vista. No começo, vemos Gaskell se lamentando por ter causado a desaprovação de homens como Greg e seus familiares, descritos como experientes e preocupados com os interesses dos trabalhadores, como se fossem seus próprios:

[...] Eu lamentei a desaprovação, nem um pouco por conta do testemunho de tal desaprovação que ouvi surgir [do livro], mas porque eu sabia que tal sentimento seria conscienciosa e ponderadamente nutrido por homens que conhecem a vida devido a uma longa experiência, uma parte da qual me esforcei para representar; e cujas ações durante um longo curso de anos provaram que os interesses de seus trabalhadores são tão caros para eles quanto os seus próprios. [...] **Essa desaprovação, eu tinha certeza, não seria dada se a escrita que a originou fosse apenas uma expressão livre de ideias; mas seria dada se eu tivesse deturpado, ou representado dessa forma, uma parte como o todo, já que as pessoas à distância deveriam ser desencaminhadas e preconceituosas contra os mestres, e aquela classe ser afastada da [outra] classe [devido à representação de Gaskell]** (CHAPPLE e POLLARD, 1997, p. 73, grifos meus, tradução minha).<sup>37</sup>

Ao final do trecho, a escritora busca definir seu erro primordial: o fato de não ter assumido que sua escrita era, apenas, uma expressão livre de seu pensamento e não necessariamente condizente com a realidade. Segundo Gaskell, não ter feito esta diferenciação causou os problemas referidos, em especial, o estímulo ao “preconceito” para com os patrões.

---

<sup>37</sup> “[...] I regretted the disapprobation, not one whit on account of the testimony of such disapproval which I heard was to arise out of it, but because I knew that such a feeling would be conscientiously and thoughtfully entertained by man who are acquainted by long experience with the life, a portion of which I had endeavoured to represent; and whose actions during a long course of years have proved that the interests of their work-people are as dear to them as their own. [...] Such disapproval, I was sure, would not be given if the writing which called it forth were merely a free expression of ideas; but it would be given if I had misrepresented, or so represented, a part as the whole, as that people at a distance should be misled and prejudiced against the masters, and that class be estranged from class.”

De acordo com a autora, Greg foi capaz de “adentrar sua mente” e constatar as fraquezas de sua escrita - fraquezas das quais ela tinha consciência:

[...] Eu valorizo muito as observações, porque o escritor entrou exatamente no meu estado de espírito e percebeu a fraqueza de que eu tinha consciência. A história toda cresceu em minha mente tão imperceptivelmente quanto uma semente germina na terra, então não posso rastrear agora por que ou como tal coisa foi escrita, ou tal personagem ou circunstância foi introduzido. (Há uma exceção a isso que vou nomear mais tarde.) **Lembro agora que o pensamento predominante em minha mente na época em que a história estava se formando silenciosamente e me impressionando com a força de uma realidade, era a aparente injustiça das desigualdades da sorte. Agora, se ela ocasionalmente parecia injusta para os mais afortunados, ela deveria confundir um homem ignorante cheio de pensamentos rudes e ilógicos, e também cheio de simpatia pelo sofrimento que o atraía através de seus sentidos.** Eu imaginei ter visto como tudo isso poderia levar a um curso de ação que poderia parecer correto por um tempo para a mente confusa de tal pessoa, mas este curso de ação, violando as leis eternas de Deus, traria consigo sua própria punição de uma consciência vingativa muito mais difícil de suportar do que qualquer privação mundana (CHAPPLE e POLLARD, 1997, p. 73-74, grifos meus, tradução minha).<sup>38</sup>

Para explicar tais fraquezas, Gaskell afirma que a história não teria sido exatamente planejada: ela teria surgido de uma maneira difícil de detectar, tal qual uma semente germinando, e se desenvolvido de forma gradual em sua mente. Embora diga não conseguir definir as motivações iniciais para o surgimento de tal “semente”, Gaskell destaca que, enquanto ela se instalava, os pensamentos relacionados à “injustiça das desigualdades de sorte” eram recorrentes.

Nesse sentido, podemos perceber *Mary Barton* como uma estratégia de Gaskell para lidar com estes pensamentos; em outras palavras, a escrita do romance poderia ter sido, para ela, uma “válvula de escape” para o luto enfrentado pela autora após a perda de seu filho Willie, em 1845. Quando Gaskell aponta a dor pelo falecimento do filho como razão para a criação de *Mary Barton*, ela pode estar, também, utilizando o acontecimento como uma “estratégia” - consciente ou não - para justificar o fato de uma mulher, na posição social em que estava inserida, ter sido responsável pelo desenvolvimento de um romance cujas temáticas não seriam vistas como adequadas a ela.

---

<sup>38</sup> “[...] I value the remarks exceedingly, because the writer has exactly entered into my own state of mind, and perceived the weakness of which I was conscious. The whole tale grew up in my mind as imperceptibly as a seed germinates in the earth, so I cannot trace back now why or how such a thing was written, or such a character or circumstance introduced. (There is one exception to this which I will name afterwards.) **I can remember now that the prevailing thought in my mind at the time when the tale was silently forming itself and impressing me with the force of a reality, was the seeming injustice of the inequalities of fortune. Now, if they occasionally appeared unjust to the more fortunate, they must bewilder an ignorant man full of rude, illogical thought, and full also of sympathy for suffering which appealed to him through his senses.** I fancied I saw how all this might lead to a course of action which might appear right for a time to the bewildered mind of such a one, but that this course of action, violating the eternal laws of God, would bring with it its own punishment of an avenging conscience far more difficult to bear than any worldly privation.”

Esta percepção aparece outra vez em uma parte posterior de sua carta, Gaskell torna a justificar suas decisões em *Mary Barton*, expondo as razões que teriam dado ao romance o “tom” que ele possui:

[...] Eu reconheço a culpa de haver uma sombra muito pesada sobre o livro; mas duvido que a história pudesse ter sido profundamente desenvolvida sem essas sombras. [...] Talvez, afinal de contas, seja verdade que eu, no meu estado de espírito na época, não estava apta a introduzir os vislumbres de luz e felicidade que poderiam ter aliviado a escuridão (CHAPPLE e POLLARD, 1997, p. 74, tradução minha).<sup>39</sup>

Assim, a escritora reconhece que seu “estado de sentimentos” pode ter sido o responsável principal pelo teor mais sombrio do romance e da conseqüente presença de animosidade entre patrões e trabalhadores em um nível que Greg, como exposto por ele na resenha, havia considerado anormal e exagerado; porém, ela salienta que este caráter sombrio possa ter sido, em sua percepção, essencial para o desenvolvimento da história. Segundo Jill Matus, o desejo pessoal de Gaskell em lidar com as próprias dificuldades teria se mesclado com a vontade de abordar os martírios dos trabalhadores; ambas as experiências estariam intrinsecamente ligadas, por fazerem parte do cotidiano da autora (MATUS, 2007, p. 30). Dessa forma, embora admita que o conteúdo do livro seja marcado por um tom mais pesado, Gaskell não o rejeita - mesmo com as críticas de Greg - e mantém sua posição a respeito da importância desse tom para o desenrolar dos acontecimentos em *Mary Barton*.

É interessante constatar o exercício de empatia realizado por Gaskell no trecho seguinte da carta, onde ela afirma ter se proposto a pensar como alguém que sofre diretamente com a “injustiça” por ela referenciada. A autora compara a forma com que ambos, trabalhadores e patrões, são afetados e, embora admita que estes últimos também sejam atingidos - de maneira ocasional, ela ressalta -, o impacto seria muito maior para alguém como John Barton - caracterizado, ao mesmo tempo, como rude e simpático para com aqueles que sofrem da mesma forma ou mais do que ele próprio.

Como salienta Matus, a constante menção aos sentimentos e ao estado mental de John Barton - ou da própria classe trabalhadora, de certa forma - remete à preocupação da classe média vitoriana com a suposta ausência de vontade própria e livre arbítrio que seriam comuns aos trabalhadores da época (MATUS, 2007, p. 30), debatida à exaustão na resenha de Greg. Gaskell preocupa-se com estes aspectos; porém, ao mesmo tempo, seu escrito é profundamente marcado pelo exercício da empatia. Sua empatia para com Barton está presente - muito mais do

---

<sup>39</sup> “[...] I acknowledge the fault of there being too heavy a shadow over the book; but I doubt if the story could have been deeply realized without these shadows. [...] Perhaps after all it may be true that I, in my state of feelings at the time, was not fitted to introduce the glimpses of light and happiness which might have relieved the gloom.”



que para com os padrões retratados no romance -, mesmo que o personagem acabe sendo levado à loucura e cometa um crime tão terrível quanto o de assassinato. Segundo Gaskell, ele seria o personagem central da história, baseado em sua própria observação pessoal:

Em torno do personagem de John Barton todos os outros se formaram; ele era o meu herói, a pessoa para quem iam todas as minhas simpatias, com quem tentei me identificar na época, porque acreditava, por observação pessoal, que tais homens não eram incomuns, e poderia recompensar muito bem a simpatia e o amor bem como iluminariam sua busca pelas causas do sofrimento, a razão pela qual o sofrimento é enviado, e o que eles podem fazer para aliviá-lo. O Sr. Greg descreveu exatamente, e em linguagem mais clara do que eu poderia ter usado, o próprio tratamento de que estou convencida de ser necessário para trazer esses pensadores desnorteados a um reconhecimento da universalidade de algum tipo de sofrimento e a consequente necessidade de sua existência para um bom final (CHAPPLE e POLLARD, 1997, p. 74, tradução minha).<sup>40</sup>

Deve-se destacar que a escritora não discorda de Greg no que se refere à atitude a ser tomada em relação ao sofrimento; todavia, ela expressa uma percepção mais positiva para com John Barton, mencionando que tentou se identificar com seus sentimentos e entender suas razões. Além disso, Gaskell menciona que, em sua observação pessoal, existiam vários homens com pensamento semelhante ao seu personagem e que, assim, poderiam ser beneficiários desta simpatia.

Em outros termos, embora Greg e Gaskell concordem a respeito do que se deve fazer sobre os sofrimentos do indivíduo, a escritora demonstra realizar um maior esforço de se colocar na posição do *outro*. Isto dialoga com a afirmação de Matus, já mencionada, a respeito da mescla de experiências pessoais de Gaskell - a perda do filho e os trabalhos de caridade junto aos trabalhadores de Manchester - como principal explicação para o tom característico de *Mary Barton*.

Os trechos finais da carta não foram publicados no livro - talvez por terem se perdido, talvez porque Gaskell tenha orientado sua destruição. Todavia, mesmo incompleta, é interessante analisar a parte em que a autora se refere a uma ocasião, durante a escrita de *Mary Barton*, em que o texto sofreu interferência dos editores.

E agora eu volto à parte que mencionei antes, onde posso rastrear e lembrar quão relutante e com que força de pressão externa (que é, estou convencido, um motivo errado para escrever e certamente produzirá apenas um fracasso) foi escrito. O conto estava originalmente completo sem a parte entre a morte de John Barton e de

---

<sup>40</sup> “Round the character of John Barton all the others formed themselves; he was my hero, *the* person with whom all my sympathies went, with whom I tried to identify myself at the time, because I believed from personal observation that such men were not uncommon, and would well reward such sympathy and love as should throw light down upon their groping search after the causes of suffering, and the reason why suffering is sent, and what they can do to lighten it. Mr Greg has exactly described, and in clearer language than I could have used, the very treatment which I am convinced is needed to bring such bewildered thinkers round into an acknowledgment of the universality of some kind of suffering, and the consequent necessity of its existence for some good end.”

Esther; cerca de 3 páginas, imagino, incluindo aquela conversa entre Job Legh, Sr. Carson e Jem Wilson. O MS [manuscrito] estava nas mãos do editor há mais de 14 meses e estava quase todo impresso quando o editor me comunicou de que ficaria aquém do número necessário de páginas e que eu deveria enviar mais algumas o mais rápido possível; eu protestei repetidas vezes - até disse que preferia abrir mão de parte do pagamento do que interpolar qualquer coisa; que o trabalho <...> (CHAPPLE e POLLARD, 1997, p. 75, tradução minha).<sup>41</sup>

Embora não seja possível afirmar com absoluta certeza o motivo pelo qual a carta fora interrompida, o tom presente no trecho dá abertura a algumas hipóteses. Nele, Gaskell exprime sua contrariedade em ter o conteúdo do romance modificado devido à pressão de seu editor; no seu ponto de vista, escrever desta maneira não seria o correto, levando o texto, invariavelmente, à falha. Dessa forma, a elaboração de mais páginas para atender ao interesse do editor teria produzido os erros aos quais Gaskell se refere, interferindo em uma história que, como a autora menciona, já estava pronta.

Durante o século XIX, a publicação de romances era, em certa medida, influenciada por um padrão e um preço: três volumes, custando no total trinta e um *shillings* e seis *pence*. Este padrão de três volumes, também conhecido como *three-decker*, era considerado ideal e “respeitável” para a primeira edição de uma obra. Seu valor, todavia, era muito alto; no final da década de 1820, seu preço correspondia à metade dos ganhos semanais de uma família de classe média baixa, e mais do que operários costumavam receber no mesmo período de tempo. Neste sentido, se popularizou o aluguel de livros nas chamadas *circulating libraries* - sendo as Mudie’s, criadas em 1842 por Charles Edward Mudie, as mais populares (ELIOT, 2001, p. 38-39).

Segundo Simon Eliot, as Mudie’s e o sistema *three-decker* estiveram estreitamente ligadas durante toda a Era Vitoriana. O largo acervo das primeiras, combinado à tarifa anual de uma guiné - que permitia o empréstimo de um volume por vez -, popularizou o acesso aos romances *three-decker*, impulsionando a publicação destes. Consequentemente, ambos teriam imposto restrições à própria publicação dos romances em geral, em especial no tocante ao formato de publicação, no conteúdo e no preço das obras. Em geral, obras de extensão menor, que não podiam ocupar suficientemente os três volumes do *three-decker*, recebiam ofertas muito mais baixas por parte dos editores (ELIOT, 2001, p. 40).

---

<sup>41</sup> “[...] And now I return to the part I named before, where I can trace and remember how unwillingly and from what force of outside pressure (which is, I am convinced, a wrong motive for writing and sure only to produce a failure) it was written. The tale was originally complete without the part which intervenes between John Barton’s death and Esther’s; about 3 pages, I fancy, including that conversation between Job Legh, and Mr Carson, and Jem Wilson. The MS, had been in the hands of the publisher above 14 months, and was nearly all printed when the publisher sent me word that it would fall short of the requisite number of pages, and that I must send up some more as soon as possible, I remonstrated over and over again - I even said I would rather relinquish some of the payment than interpolate anything; that the work <...>.”

Logicamente, o sistema *three-decker* não era o único empregado na publicação de romances; como bem demarca Eliot, a serialização semanal ou mensal em jornais ou revistas, bem como as chamadas *penny weekly novels* - uma extensa ficção em prosa publicada semanalmente, custando um ou dois *pennies* cada -, por exemplo, também eram populares. (ELIOT, 2001, p. 41) Todavia, uma vez que seu formato havia se mostrado bastante rentável devido à associação com as *circulating libraries*, os editores frequentemente visavam colocá-lo em prática no momento de introduzir um novo romance ao público. Isto pode explicar a insistência do editor em pedir a Gaskell para escrever mais páginas, sob o risco de não atender ao número mínimo requisitado. O fato de *Mary Barton* ter sido publicado em apenas dois volumes, bem como o desagrado de Gaskell com o pedido e sua resolução em não atendê-lo, chegando a comunicar que aceitaria menos dinheiro se a extensão do texto pudesse ser mantida, podem ser indicativos de um conflito entre autora e editor - porém, como o restante da carta não se encontra disponível para análise, não é possível sairmos do campo das hipóteses.

O que se pode concluir a partir do estudo da carta, entretanto, é a percepção de que Gaskell, embora consciente de um papel que a delegava à esfera privada - como condizia à mulher vitoriana de seu estrato social -, transitava entre público e privado à sua maneira. A consciência deste papel, exposta na percepção da autora de seus vários “eus” em conflito, é um exemplo disto, sendo a própria existência deste conflito um sinal de que Gaskell circulava entre os âmbitos público e privado.

Na carta a Lucy Greg, estes sentimentos conflituosos se manifestam de forma ainda mais clara. A escritora não se dirige ao crítico de forma direta, preferindo direcionar a palavra à sua esposa; sua opção por escrever uma carta, ao invés de responder publicamente, em um texto num jornal ou revista, pode ser vista também como uma manifestação do atendimento à posição mais privada atribuída à mulher naquele contexto. Além disto, pode-se encarar a opção por Lucy como destinatária - ao invés do marido - como uma forma de Gaskell buscar uma possibilidade de defesa diante de Greg, contando com uma possível *cumplicidade* de sua esposa; nesta percepção, a escolha de Gaskell reflete a busca por um caminho de comunicação menos difícil, intermediado por Lucy.

Gaskell expõe e defende seus pontos de vista, mesmo que eles entrem em conflito com os de Greg; da mesma forma, aborda o contexto por trás da escrita de *Mary Barton* e aceita as críticas que julga serem corretas, explicando suas razões para tal. Neste sentido, Gaskell transita entre o público e o privado, articulando-se à sua maneira de acordo com as exigências de cada esfera.

## 5. Considerações finais

O presente trabalho representou um esforço de delinear as possibilidades para autores e autoras ingleses durante a Era Vitoriana, considerando suas origens, seu gênero e seu posicionamento no meio social da época. Este esforço se desenvolveu através da análise de dois documentos: uma resenha crítica do romance *Mary Barton*, publicada no começo do ano de 1849 em um periódico de grande circulação e relevância no meio intelectual britânico, e uma “carta-resposta” direcionada à esposa do crítico, escrita também em 1849 pela autora do romance.

A análise pura e simples das fontes, porém, teria sido insuficiente para chegar às conclusões aqui estabelecidas; por esta razão, antes de se estudá-las com maior profundidade, se considerou a trajetória de Elizabeth Gaskell e William Rathbone Greg como elementos essenciais para a determinação de sua posição no campo literário inglês de meados do século XIX. Possuidores de *habitus* diferentes, Gaskell e Greg também se inseriram de formas diversas entre si: enquanto a primeira inserção ocorreu somente após a popularidade de *Mary Barton*, algum tempo depois dos primeiros textos publicados pela autora, a segunda aconteceu enquanto Greg ainda era estudante, com a publicação de textos em periódicos semelhantes à *Edinburgh Review*. Foram levantadas algumas explicações possíveis para isto, como o fato de Gaskell ver a escrita como um “refúgio” e não como uma potencial carreira, além da noção da participação em atividades públicas ser visto como algo não apropriado para mulheres durante a Era Vitoriana.

Entender o *habitus* e a forma como Greg se inseriu socialmente é de vital importância para o estudo realizado no segundo capítulo, que analisa com maior profundidade os elementos contidos na crítica publicada por ele na primeira edição de 1849 da *Edinburgh*. Em seu texto, Greg manifesta sua opinião a respeito de *Mary Barton* de forma profundamente no que o autor, a partir de seu posicionamento social, em grande medida, era capaz de registrar e assimilar da realidade – ou seja, o que lhe era cognoscível. De acordo com o que expressa em sua resenha, o cognoscível para Greg é profundamente influenciado pelo ideário do liberalismo, em voga na Inglaterra durante o século XIX.

Ao mesmo tempo em que este ponto de vista explica, de certa maneira, o conteúdo da resenha, ele também introduz uma dúvida - como explicar os posicionamentos de Gaskell, que compartilhava alguns aspectos de sua vida e trajetória com Greg? O terceiro capítulo se propôs a tentar responder essa questão, considerando, da mesma maneira, o que, de acordo com as informações estudadas no presente trabalho, era cognoscível para Gaskell; dessa forma, se

considerou a influência de elementos que não se fizeram presentes na percepção de Greg, tais como o pertencimento a um estrato social diferente – ambos eram de classe média, mas isto possuía significados diferentes para a esposa de um clérigo e para o filho de um dos maiores industriais ingleses -, a natureza do convívio cotidiano de Gaskell com os operários e com as péssimas condições de vida às quais estavam sujeitos, além das especificidades do *ser mulher* na vivência da autora.

Considerando as cartas como uma fonte interessante para o estudo da história das mulheres - a partir do exposto por Michelle Perrot -, o capítulo chegou à conclusão de que, na carta enviada à esposa de Greg, é possível constatar que Gaskell tinha conhecimento da divisão entre público e privado - na qual as mulheres de seu círculo social estavam restritas à última esfera - e que, ciente disto, a autora circulava entre estes âmbitos à sua maneira. A própria elaboração da carta e a opção por destiná-la a Lucy Greg, ao invés de seu marido, pode ser encarada como uma demonstração da consciência de Gaskell sobre tais divisões sociais, além de uma estratégia de trânsito entre elas.

Com base nestas conclusões, se pôde apreender que conhecer a trajetória do autor é de vital importância para a compreensão dos pontos de vista expressos em suas obras. Conhecer esta trajetória significa, também, expor o dinamismo envolvido no desenvolvimento de seus escritos - como, por exemplo, a influência do contexto geral em que elas foram escritas, dos pontos de vista de seus criadores, de seus objetivos, de seu gênero, os jogos de poder envolvidos, etc.

Através de *Mary Barton*, Gaskell teve um papel de destaque na criação de uma nova estrutura de sentimento em seu contexto, ampliando o cognoscível a respeito de aspectos resultantes das transformações sociais resultantes da Revolução Industrial. Neste sentido, Greg aparece como uma intensa força opositora, baseado naquilo que era cognoscível a si próprio - delimitado por sua posição social, sua aproximação intelectual com o liberalismo e seu gênero; assim, o resenhista entra em conflito com o novo introduzido por Gaskell, por seu *conteúdo* e por *quem o fez*. Levando estes pontos em consideração, é possível encarar os conceitos utilizados neste trabalho como instrumentos dotados de grande potencial para estudo e pesquisa na área das relações entre história e literatura.

### Fontes primárias

CHAPPLE, J. A. V.; POLLARD, Arthur. **The Letters of Mrs Gaskell**. Manchester: Manchester University Press, 1997. Disponível em [https://books.google.com.br/books/about/The Letters of Mrs Gaskell.html?id=wj58PQOBp7gC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/The_Letters_of_Mrs_Gaskell.html?id=wj58PQOBp7gC&redir_esc=y). Acesso em 20 out. 2021.

GREG, William R. Mary Barton. **The Edinburgh Review or Critical Journal**. Edinburgh, jan-apr. 1849. p. 402-435. Disponível em <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.21112/page/n405/>. Acesso em 12 set. 2021.

### Referências bibliográficas

ALVES, Ismael Gonçalves. Da caridade ao welfare state: um breve ensaio sobre os aspectos históricos dos sistemas de proteção social ocidentais. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 67, n. 1, p. 52-55, Mar. 2015. Disponível em [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252015000100017&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252015000100017&lng=en&nrm=iso). Acesso em 05 out. 2021.

BESLEY, Timothy; COATE, Stephen; GUINNANNE, Timothy W. Incentives, information, and welfare : England's new Poor Law and the workhouse test. In: GUINANNE, Timothy W.; SUNDSTROM, William A.; WATHLEY, Warren. (eds.) **History Matters : Essays in Honour of Paul David**. California: Stanford University Press, 2004. pp. 245-270. Disponível em [https://www.russellsage.org/sites/all/files/u4/Besley,%20Coate,%20%26%20Guinnane\\_Incentives,%20Information,%20and%20Welfare.pdf](https://www.russellsage.org/sites/all/files/u4/Besley,%20Coate,%20%26%20Guinnane_Incentives,%20Information,%20and%20Welfare.pdf). Acesso em 05 out. 2021

BRAKE, Laurel. **Subjugated Knowledges: Journalism, Gender and Literature in the Nineteenth Century**. London: Macmillan Press, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. ; FERREIRA, M. de M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Trad. Glória Rodríguez, Luiz Alberto Monjardim, Maria Magalhães e Maria Carlota Gomes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 183-191.

BOYLE, David. **O Manifesto Comunista de Marx e Engels**. São Paulo: Zahar, 2006. Disponível em [https://books.google.com.br/books/about/O\\_Manifesto\\_Comunista\\_de\\_Marx\\_e\\_Engels.html?id=tWtraGng0DMC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/O_Manifesto_Comunista_de_Marx_e_Engels.html?id=tWtraGng0DMC&redir_esc=y). Acesso em 25 out. 2021.

- CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- COOPER-RICHET, Diana. As grandes revistas literárias e políticas na formação das elites britânicas durante a primeira metade do século XIX. In: DUTRA, Eliane de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (orgs) **Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 413-429.
- CHAPPLE, John; SHELSTON, Alan. (eds.) **Further Letters of Mrs. Gaskell**. Manchester: Manchester University Press, 2003. Disponível em [https://www.google.com.br/books/edition/Further Letters of Mrs Gaskell/NZaNtFTA6LAC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=the+letters+of+mrs+gaskell&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Further_Letters_of_Mrs_Gaskell/NZaNtFTA6LAC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=the+letters+of+mrs+gaskell&printsec=frontcover)>. Acesso em 15 set. 2021.
- D'ALBERTIS, Deirdre. The life and letters of E. C. Gaskell. In: MATUS, Jill L. **The Cambridge Companion to Elizabeth Gaskell**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 10-27.
- DINIEJKO, Andrezj. **The New Woman Fiction**. Disponível em <https://victorianweb.org/gender/diniejko1.html>>. Acesso em 06 set. 2021.
- ELIOT, Simon. The business of Victorian publishing. IN: DAVID, Deirdre (org.). **The Cambridge Companion to the Victorian Novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MATUS, Jill L. Mary Barton and North and South. In: MATUS, Jill L. (ed.) **The Cambridge Companion to Elizabeth Gaskell**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 27-45.
- MCWILLIAM, Rohan. The performance of citizenship. In: HEWITT, Martin (ed.). **The Victorian World**. Routledge: London, 2012. p. 362-380.
- MIDDLETON, Alex. William Rathbone Greg, Scientific Liberalism, and the Second Empire. **Modern Intellectual History**. Cambridge University Press, 2021. Disponível em <https://www.cambridge.org/core/journals/modern-intellectual-history/article/abs/william-rathbone-greg-scientific-liberalism-and-the-second-empire/84524093A4F147EFC7867121B17B2624>>. Acesso em 02 set. 2021 p. 1-27.
- PASSIANI, Enio. Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.14, n.27, p.285-299, 2009.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

- \_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- RUDÉ, George. **A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra (1730-1848)**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SCHOENFIELD, Mark. **British periodicals and Romantic identity: the 'literary lower empire'**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.
- SPENCER, Jane. **Women Writers – Elizabeth Gaskell**. Macmillan Education: New York, 1993.
- STEINBACH, Susie. **Understanding the Victorians: Politics, culture and society in nineteenth-century Britain**. New York: Routledge, 2017.
- THOMPSON, Edward P. A formação da classe operária inglesa. **V1: A árvore da liberdade**. Trad. Denise Bottmann, Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- TYRELL, Alex. Voluntarism and self help. In: HEWITT, Martin (ed.). **The Victorian World**. Routledge: London, 2012. p. 346-361.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade (1780-1950)**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- \_\_\_\_\_. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.